

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

RAQUEL ENDALÉCIO MARTINS

UM PERFIL DE MARIA DA PUREZA MONTEIRO LOBATO

São Paulo
2018

RAQUEL ENDALÉCIO MARTINS

UM PERFIL DE MARIA DA PUREZA MONTEIRO LOBATO

Tese de doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito para obtenção do título de Doutora.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Marisa Philbert Lajolo

São Paulo
2018

M386p

Martins, Raquel Endalécio.

Um perfil de Maria da Pureza Monteiro Lobato / Raquel Endalécio Martins.

80 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

Orientadora: Marisa Philbert Lajolo.

Referências bibliográficas: f. 71-76.

1. Purezinha (Maria da Pureza de Gouvêa Natividade). 2. Monteiro Lobato. 3. Mulheres de escritores. 4. Correspondência. I. Lajolo, Marisa Philbert, *orientadora*. II. Título.

CDD 920.72

Bibliotecária Responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva - CRB 8/8925

RAQUEL ENDALÉCIO MARTINS

UM PERFIL DE MARIA DA PUREZA MONTEIRO LOBATO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Doutor em Letras.

Aprovado em 22 de agosto de 2018.

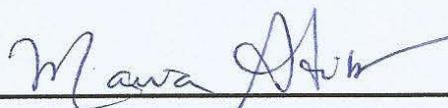
BANCA EXAMINADORA



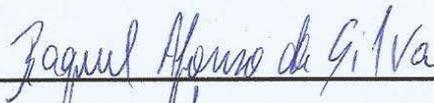
Prof.^a Dr.^a Marisa Philbert Lajolo
Universidade Presbiteriana Mackenzie



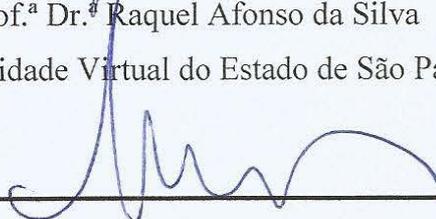
Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Trevisan Pelegrino
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Guarnieri Atik
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.^a Dr.^a Raquel Afonso da Silva
Universidade Virtual do Estado de São Paulo



Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes
Universidade de São Paulo

Para Jesus Cristo: o Rei dos reis

AGRADECIMENTOS

Encerro esta pesquisa de doutorado com o coração cheio de Gratidão:

A Jesus Cristo, meu Deus, por nunca ter me abandonado;

A Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro que me permitiu dar continuidade à investigação sobre o processo de criação de Monteiro Lobato, que se iniciou no projeto de Iniciação Científica intitulado A (re)construção do mundo clássico em “O Minotauro” e “Os Doze Trabalhos de Hércules”: fontes e procedimentos (2007 - 2009), sob a orientação da Profa. Dra. Marisa Lajolo, subsidiado pela Fapesp (processo nº 2007/54001-7); e se ampliou na dissertação de mestrado denominada “A (re)construção do mundo na obra de Monteiro Lobato: fontes e procedimentos” (2010 - 2013), orientada pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, subsidiada pela Fapesp (processo nº 2010/04656-0);

A professora Marisa Lajolo, por mais de doze anos de parceria (e por me ensinar como ser uma professora);

Aos professores Marcos Antonio de Moraes e Maria Luiza Atik por tão rica contribuição no exame de Qualificação de Doutorado;

Aos amigos da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, funcionários públicos que honram o trabalho que têm: Oiran Antonini, Kazue Matuda Miura, Azilde Andreotti.

Ao senhor Luciano Mizrahi Pereira, do *Instituto Monteiro Lobato* em Tabaté, pela hospitalidade e disposição em ajudar;

Ao senhor Diógenes Nicolau Lawand (Centro de Referência em Educação Mário Covas) e Cláudia Borges Serra (Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de Taubaté) pelo excelente atendimento nos acervos;

Ao professor Osni Lourenço Cruz pela imensa generosidade em disponibilizar-me parte de seu arquivo pessoal;

Ao meu marido, Luciano Gabriel Endalécio Martins, por compartilhar cada desafio comigo (obrigada meu amor!);

Ao meu filho, Murilo Gabriel Endalécio Martins, por ser a razão da minha alegria em tempos difíceis;

Aos meus pais, Paulo Cesar Endalécio e Gildete Nunes Endalécio, por serem meus maiores exemplos;

Às melhores amigas que alguém podia ter: Piedade Soares, Aline Almeida e Priscilla Imperial;

À companheira de pesquisa, Camila Spagnoli, por tantos anos de parceria;

À Bianca Amorim por me ajudar a Renascer após a maternidade;

À Igreja, irmãos de diversos lugares, por orar por mim todos os dias.

Muito obrigada a todos vocês que me ensinaram que não é possível se fazer quase nada sozinho, mas que com ajuda, quase tudo é possível!

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento de criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional.

(DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2015, p. 55.)

RESUMO

Esta tese resulta da pesquisa relativa à Maria da Pureza de Gouvêa Natividade (1885 - 1959), esposa de José Bento Monteiro Lobato (1882 - 1948). Purezinha (assim chamada em família, apesar de casada com um dos maiores escritores brasileiros) – tem permanecido por trás dos bastidores. Nesse primeiro esboço de uma biografia dela, encontramos em sua família figuras influentes no cenário político e intelectual paulista, como o abolicionista Antonio Bento e o modernista Thiollier. Considerando que os atuais estudos literários expandiram os limites de seu *corpus* para além da tríade: autor, leitor e obra, os estudos sobre *Mulheres de escritores* têm ganhado mais espaço. A tese aqui apresentada valeu-se, fundamentalmente, de seleção e análise da correspondência de Lobato que a menciona: *Barca de Gleyre* (1944), *Cartas Escolhidas* (1959), *Cartas de Amor* (1969) e *Quando o carteiro chegou* (2010). Através destas cartas foi possível vislumbrar aspectos de sua vida familiar, intelectual e no gerenciamento da memória do escritor após 1948. A pesquisa também garimpou – e a tese os disponibiliza – registros de sua vida escolar na Escola Caetano de Campos em São Paulo, e um caderno de anotações, com registro de suas leituras, além de anotações dela, talvez como projeto de escrita de uma biografia de seu marido.

Palavras-chave: Purezinha (Maria da Pureza de Gouvêa Natividade); Monteiro Lobato; mulheres de escritores; correspondência.

ABSTRACT

This thesis is result of a research on Maria da Pureza de Gouvêa Natividade' (1885 - 1959) life, José Bento Monteiro Lobato's (1882 - 1948) wife. Purezinha (as family members called her, even though she was married to one of the greatest Brazilian writers, has been kept behind the scenes). In this first draft of her biography, we find in her family influential political and intellectual figures from São Paulo, for instance the abolitionist Antonio Bento and the modernist Thiollier. Considering that the recent literary studies expanded the limits of their *corpus* for beyond the trinity: author, reader, and work, the studies about *Mulheres de escritores [Writer's wives]* has gained more space. This thesis drew , fundamentally, upon the selection and analysis of the Lobato's letters, which mentioned her: *Barca de Gleyre* (1944), *Cartas Escolhidas* (1959), *Cartas de Amor* (1969) and *Quando o carteiro chegou* (2010). Through these letters, it was possible to have a glimpse of aspects of her private and intellectual life, and aspects of how she managed Lobato's memory after 1948. The research also dug into – available in the thesis – register of her school life at Escola Caetano de Campos in São Paulo, and a notebook with the register of her readings, and notes for an eventual biography of her husband.

Key-words: Purezinha (Maria da Pureza de Gouvêa Natividade); Monteiro Lobato; Mulheres de escritores; letters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reprodução da página do livro Quando o carteiro chegou. Frente do cartão-postal enviado a Purezinha no dia 25 de setembro de 1906.....	23
Figura 2: Verso do cartão-postal trata-se da página do livro Quando o carteiro chegou enviado a Purezinha e Noemia no dia 25 de setembro de 1906	23
Figura 3: Reprodução da página do livro Quando o carteiro chegou. Frente e verso do cartão-postal enviado a Purezinha no dia 25 de fevereiro de 1907.....	26
Figura 4: Reprodução de página do Álbum de Recordações de Astéria	42
Figura 5 Páginas da Revista do Instituto Histórico Geographico com anotações marginais de Purezinha.....	53
Figura 6 Páginas do Caderno de Anotações de Purezinha com transcrição de Lia Prado Mariotto	55
Figura 7: Dedicatória de Gabriel Tondella à Purezinha em exemplar do livro Destino dos Deus	56
Figura 8: Carta enviada pela editora NASZA KSIEGARNIA à editora Brasiliense solicitando a permissão para traduzir A menina do Narizinho Arrebitado	58
Figura 9: Reprodução da capa da tradução de A menina do Narizinho Arrebitado em polonês	59
Figura 10: Carta enviada a Purezinha por Franca Maffei Ascarelli	61
Figura 11: Carta enviada a Purezinha por Albert Theile.....	63
Figura 12: Carta de Ruth Monteiro Lobato a Haydée Jofre	64
Figura 13: Carta de Purezinha para Oswaldo Barbosa Guisard.....	65
Figura 14: Carta de Purezinha para Oswaldo Barbosa Guisard.....	66
Figura 15: Carta de Purezinha sem destinatário identificado	67
Figura 16: Carta de Purezinha para Antonio de Mello	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PUREZINHA EM FAMÍLIA	17
3. PUREZINHA INTELLECTUAL	41
4. PUREZINHA GERENCIA A CIRCULAÇÃO DAS OBRAS E A IMAGEM DE LOBATO APÓS 1948 ...	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS	77

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui uma pesquisa sobre Maria da Pureza de Gouvêa Natividade (1885-1959), esposa de José Bento Monteiro Lobato (1882 – 1948) com vistas a – propondo um esboço de biografia para ela – iluminar alguns dos papéis desempenhados pela esposa de um escritor muito lido e conhecido.

A pesquisa desenvolveu-se através da busca e análise de cadernos, fotografias e cartas, de Maria da Pureza, de Monteiro Lobato e de terceiros. Através de tais documentos – alguns inéditos, outros já publicados – acreditamos ter sido possível cumprir nosso objetivo, bem como disponibilizar material para pesquisas futuras.

a) Duas perguntas que ouvi muitas vezes durante o desenvolvimento da pesquisa foram: “Por que você escolheu a mulher do Monteiro Lobato como objeto de pesquisa? Ela também era escritora?” Quando respondia que não, que Maria da Pureza era dona de casa, logo vinha outra pergunta: “Mas então, o que ela tem a ver com literatura?”

Penso que as perguntas de meus interlocutores se articulam com uma certa tradição dos estudos literários.

Por muito tempo eles debruçaram-se sobre *as obras* ou sobre *a vida* dos escritores como objeto privilegiado de análise. No caso específico de Monteiro Lobato, estas tendências podem ser magnificamente exemplificadas já por títulos como *Monteiro Lobato, vida e obra* (Edgar Cavalheiro, 1955), *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos* (Nelson Palma Travassos, 1974), *Itinerarios intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación* (Regina Crespo, 2004) e *Presença de Monteiro Lobato* (Eliana Yunes, 1982)

Cavalheiro é um dos primeiros autores que se ocupou da biografia de Monteiro Lobato, recebendo do próprio biografado a seleção de documentos para sua pesquisa – o que talvez sugira que Lobato o escolheu para esta tarefa.

Em um livro de dois volumes, Cavalheiro narra a vida e a carreira do escritor paulista e começa assim:

A noite é límpida e estrelada. Uma leve aragem enfuna suavemente as cortinas do amplo dormitório. Do quintal chegam rumores das mangueiras acariciadas pelo vento. A cidade de Taubaté dorme. Mas no casarão de José Francisco Monteiro, há movimento pelos longos corredores, e as vozes em surdina mal conseguem abafar os débeis gemidos que partem do quarto onde Olímpia, testa banhada em suor, aguarda o filho tão ansiosamente desejado. (CAVALHEIRO, 1955, p. 17)

A narração romanceada do nascimento de Monteiro Lobato embala o leitor para conhecer outros fatos de sua vida e a formação da carreira do escritor paulista. Cavalheiro conta sobre a mudança do escritor para São Paulo e a participação dele na Revista do Brasil:

Não é nome ignorado nos meios intelectuais da Paulicéia. Pelo contrário, há mais de um ano que sua presença vinha fazendo sentir, de maneira muito especial, não só através da intensa colaboração n' "O Estado de São Paulo", mas principalmente na "Revista do Brasil", fundada em janeiro de 1916, por um grupo de paulistas, com Julio de Mesquita, Luis Pereira Barreto e Alfredo Pujol à frente. Mensário de ciências, letras, artes, história e atualidades, a "Revista do Brasil" se impusera desde o primeiro número pelo excelente critério redatorial. Tornara-se mesmo o mais lido, o mais importante veículo cultural do país. (CAVALHEIRO, 1955, p. 188)

O uso de adjetivos e de expressões como "não é nome ignorado entre os intelectuais", "sua presença vinha fazendo sentir" e "o mais importante veículo cultural do país" vão construindo a imagem de um Lobato imponente que participa de um grande projeto intelectual – a Revista do Brasil – que mais tarde adquire e transforma em sua editora. Tudo é grande na obra de Cavalheiro e a vida de Lobato tem caráter estelar.

Outra obra posterior, de 1974, *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*, traz a biografia de Monteiro Lobato a partir da perspectiva de Nelson Palma Travassos, admirador que – como Cavalheiro - também conheceu o escritor de *Urupês* pessoalmente. Em uma "nota de advertência" Travassos informa:

Procurei neste livro, mostrar José Bento Monteiro Lobato íntimo – como era e agia. Tentei também interpretá-lo dentro das suas múltiplas personalidades. // Não desejei escrever biografia nos moldes clássicos, porque já o foi admiravelmente realizado por Edgar Cavalheiro. // Este pois, é um volume de memórias e opiniões. (TRAVASSOS, 1974, p. 11)

Mas se a vida e a obra de Lobato subsidiaram estudos tão representativos na segunda metade do século XX (algumas décadas depois da morte do escritor em 1948), já no início do século XXI, fora das fronteiras do Brasil, Regina Crespo desenvolve sua pesquisa de doutorado (que se transforma em livro) comparando as figuras públicas José Vasconcelos, “criador e mecenas do muralismo mexicano” e Monteiro Lobato, “precursor da indústria cultural do Brasil”.

A análise de Crespo alterna capítulos que apresentam semelhanças e particularidades da vida de cada intelectual no seu país de origem. Descrevendo as considerações finais de sua tese na introdução, a autora explica:

En las consideraciones finales, busqué establecer un cuadro comparativo entre las ideas de Lobato y Vasconcelos como intelectuales y hombres públicos de países periféricos. La asociación que Lobato y Vasconcelos establecieron entre sus fracasos personales y lo que consideraban, de manera a veces melancólica y a veces colérica, como el fracaso nacional, sirve como punto de partida no solo para reflexionar sobre el México y el Brasil que les tocó vivir, sino también sobre los rumbos de cada país, en términos políticos, culturales y económicos. (CRESPO, 2004, p. 15)

Considerando estudo como estes, percebemos que é mais recente o interesse dos estudos literários por outros aspectos do mundo da literatura, tais como relações de influências, recepção, materialidade, intertextualidade e condições de produção do texto. São exemplos deles: *Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil)* (2008) organizado por Marisa Lajolo e João Luis Ceccantini; *Monteiro Lobato livro a livro (obra adulta)* (2014) organizado por Marisa Lajolo; tese *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)* (2007) de Cilza Bignotto e tese *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários* de Emerson Tin.¹

¹ Cf. LAJOLO, Marisa. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro (obra adulta)*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2014; LAJOLO; Marisa; CECCANTINI, João Luis (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil)*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008; TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007 (Tese de Doutorado), orientadora: Profa. Dra. Marisa Lajolo; BIGNOTTO, Cilza. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*, sob orientação da profa. Marisa Lajolo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007 (Tese de Doutorado), orientadora: Profa. Dra. Marisa Lajolo.

Os livros *Monteiro Lobato: livro a livro* (obra infantil) e *Monteiro Lobato: livro a livro* (obra adulta) comentam o processo de edição de cada obra de Monteiro Lobato. No texto de apresentação de 2008, os autores explicam:

As discussões que propomos neste Monteiro Lobato livro a livro pretendem abrir rumos para novas pesquisas – ou simplesmente para novas leituras – dos livros e do autor das histórias do Sítio. Seus capítulos recobrem, de forma instigante e às vezes polêmica, um espectro bastante amplo das questões que vêm pontuando o pensamento brasileiro e encontrando expressão na nossa melhor literatura. Formas de apropriação de diversas matrizes culturais, renovação da linguagem no contato com diferentes formações discursivas, consciência aguda da materialidade do texto, dialética sinuosa entre realidade e ficção, horizonte da história internacional bem como diálogo constante com os vários Brasis de seu tempo fazem parte do Monteiro Lobato que este livro propõe. (LAJOLO; CECCANTINI, 2008, p. 9)

A tese de Cilza apresenta as inovações presentes na atividade editorial de Monteiro Lobato nos anos de 1918 a 1925, como uma eficiente rede de distribuição livreira. Em sua conclusão Bignotto sintetiza “Acompanhamos o desenvolvimento da figura do editor, que passou a reunir as atribuições de não apenas imprimir ou vender uma obra, mas cuidar de sua distribuição, de sua publicidade, e mesmo de sua produção junto ao autor” (BIGNOTTO, 2007, p. 402)

Emerson Tin defende em sua tese que Monteiro Lobato constrói várias imagens dele em sua correspondência variando de acordo com o destinatário, a circunstância, o tempo, o lugar e os objetivos das cartas.

É particularmente em relação a este último tópico que esta pesquisa se desenvolve, a partir da noção de sistema literário, apresentada por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira* (1959). No texto, o autor traz à baila novos elementos para os estudos literários, que se relacionam entre si, visualmente representados por um triângulo, no qual cada um dos vértices representa um dos elementos basilares do sistema: autores, leitores e obras. Nas palavras de Antonio Candido, um sistema literário configura-se por:

... um conjunto de *produtores literários* mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de *receptores*, formando os diferentes tipos de público (...), um *mecanismo transmissor* (de modo geral uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns a outros (CANDIDO, 2010, p. 25)

No desenvolvimento desta hipótese, nas últimas décadas, os estudos de Literatura têm aumentado os limites de seu corpus, expandindo seu objeto de pesquisa, identificando e discutindo elementos que fazem a mediação entre os vértices do triângulo. Nesta linha, além da tríade autor, obra e público, estudos literários tem-se ocupado também de outros sujeitos como explica Cida Golin:

A história da literatura, ao longo do tempo, ampliou suas fontes de pesquisa. Do escritor como figura central dos estudos à imanência do texto ficcional, ela expandiu-se pelos vértices do sistema literário, pelos leitores, pelo material original que acompanha a produção de uma obra de arte. Esse estudo privilegia a visão de sujeitos paralelos ao circuito oficial da literatura, ligados a ele somente pela circunstância de serem companheiras de vida de escritores de relevância nacional. (GOLIN, 2002, p. 108)

Nesse contexto, surgiram as pesquisas sobre mulheres de escritores, buscando trazer a figura da esposa ao processo de criação da obra, nos sugerindo novas nuances de interpretação. Sobre o tema a autora ainda escreve:

A rotina de trabalho do escritor, no espaço ordenador da moradia, está imersa na temporalidade das ações fragmentadas. Na residência, região de forte ingerência, feminina, as mulheres reivindicam para si a retaguarda do ato criativo, seja na interferência direta no trabalho do marido, seja na organização prática do ambiente da escrita, local respeitado no cotidiano doméstico. (GOLIN, 2001, p. 107)

Como Golin comenta no trecho anterior, muitas mulheres decidem assumir a retaguarda do ato criativo, elas ocupam a posição “por trás dos bastidores” enquanto seus maridos ficam sob as luzes – isso pode se dar por uma escolha, como aponta Golin, ou mesmo como fruto de uma configuração social onde homens tinham mais espaço que mulheres no meio literário. Esse foi o caso de Purezinha, esposa do escritor Monteiro Lobato, que o acompanhou por mais de quarenta anos.

b) Durante a pesquisa, levantamos alguns dados de sua biografia: Maria da Pureza de Gouvêa Natividade nasceu dia 7 de agosto de 1885 em Taubaté e faleceu em São Paulo em 1959 ². Em 28 de março de 1908, casou-se com Monteiro Lobato (1882 - 1948) passando então a incluir Lobato em seu sobrenome ³.

² Naturalidade informada nos registros disponíveis no Cemitério da Consolação em São Paulo, capital confirmam informação disponível em *Quando o carteiro chegou*: cartões postais a Purezinha.

Maria da Pureza era filha de Francisco Marcondes de Gouvêa Natividade e de Brazilia de Castro Natividade. Purezinha – como era chamada em família – era primogênita de muitos irmãos e irmãs: Eneas Natividade, Oscar Natividade, Paulo Natividade, Cesarino Natividade, Heloísa Natividade, Noêmia Natividade, Ana Delfina Natividade⁴. Teve quatro filhos: Martha (1909 - 1996), Edgar (1910 - 1943), Guilherme (1912 - 1938) e Ruth (1916 - 1972).

Apesar de ser esposa de uma figura tão famosa como Lobato, encontram-se poucas informações sobre ela. No entanto, podemos conhecer uma “imagem de Purezinha” pelo que relativamente a ela consta, por exemplo, da correspondência ativa do escritor, bem como em cartas⁵ destinadas a ela e a terceiros.

A partir da leitura da correspondência de Monteiro Lobato: *A Barca de Gleyre* (1944), *Cartas Escolhidas* (1959), *Cartas de Amor* (1969), *Quando o Carteiro Chegou* (2010) e manuscritos depositado no *Fundo Monteiro Lobato* (Cedae/Unicamp), e da biografia do escritor, propomos registrar imagens de Purezinha, em seus vários papéis, durante diferentes períodos da vida pelas lentes do escritor de *A menina do Narizinho Arrebitado*.

Como subsídios para futuras pesquisas, apresentamos também a digitalização e transcrição⁶ de um caderno de anotações de Purezinha e de cartões que ela enviou a diferentes destinatários. Esses documentos estão depositados no *Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de Taubaté*, para que assim se possa construir a imagem de Monteiro Lobato por Purezinha em estudos futuros.

Organização e apresentação de Marisa Lajolo transcrição e notas de Emerson Tim – 1.ed – São Paulo: Moderna, 2006.

³ A cópia da certidão de casamento de Purezinha e Lobato encontra-se em anexo.

⁴ *Quando o carteiro chegou* : cartões postais a Purezinha. Organização e apresentação de Marisa Lajolo transcrição e notas de Emerson Tim – 1.ed – São Paulo: Moderna, 2006. p. 89.

⁵ A correspondência que Monteiro Lobato enviou a Purezinha antes do casamento está reunida em *Cartas de amor* (1969) com organização de Cordélia Fontainha Setta. A editora Globo lançou uma nova edição do livro em 2011.

⁶ Caderno de Purezinha digitalizado por Raquel Endalécio Martins com a transcrição de Lia Prado Mariotto, gentilmente disponibilizada por Osni Lourenço Cruz.

2. PUREZINHA EM FAMÍLIA

Purezinha (nome que assinava em sua correspondência) era filha de Francisco Marcondes Gouvêa Natividade, que foi professor em um curso Anexo à Faculdade de Direito em São Paulo. Seu avô também era professor: Antonio Quirino Souza e Castro (1837- 1920) – ou Dr. Quirino – trabalhou no Colégio São João Evangelista em Taubaté, foi advogado e mestre de Monteiro Lobato.

É, assim, em uma família com tradição de professores homens, que nasce a professora Maria da Pureza de Gouvêa Natividade. O magistério constituía, na época, profissão de vanguarda para as mulheres⁷ e a escolha pode ter sido resultado da influência do pai e do avô. Mas, talvez também se incluía, entre os fatores que levaram Purezinha a ser uma profissional do ensino, um certo veio politicamente engajado de um de seus parentes.

Um dos tios de Purezinha (irmão de seu avô Dr. Quirino), era ninguém menos que o abolicionista Antonio Bento (1843-1898), famoso pela luta contra a escravidão e a interceptação de escravos. Antonio Bento formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, foi promotor público em Botucatu e Limeira, e juiz em Atibaia, onde foi responsável pela libertação de escravos que foram contrabandeados após 1831, ano em que foi promulgada a lei que proibia a importação de escravos:

A Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os Subditos do Imperio, que a Assembléa Geral Decretou, e Ella Sancionou a Lei seguinte: Art. 1º Todos os escravos, que entrarem no territorio ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres. Exceptuam-se: 1º Os escravos matriculados no serviço de embarcações pertencentes a paiz, onde a escravidão é permitida, enquanto empregados no serviço das mesmas embarcações. // 2º Os que fugirem do territorio, ou embarcação estrangeira, os quaes serão entregues aos senhores que os reclamarem, e reexportados para fóra do Brazil. // Para os casos da excepção nº 1º, na visita da entrada se lavrará termo do numero dos escravos, com as declarações necessarias para verificar a identidade dos mesmos, e fiscalisar-se na visita da sahida se a embarcação leva aquelles, com que entrou. Os escravos, que forem

⁷ Cf. Catani, D. et al. (org.) Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

achados depois da saída da embarcação, serão apreendidos, e retidos até serem reexportados⁸.

Dilson Lages Monteiro, em seu portal literário *Entretextos* registra alguns aspectos da biografia de Antonio Bento:

Voltou a São Paulo em 1877, onde reorganizou a Confraria de Nossa Senhora dos Remédios e em 1880 conhece Luís Gama, negro e líder do movimento emancipador dos escravos na então Província de São Paulo. // Com a morte de Luís Gama em 24 de agosto de 1882, Antônio Bento assume a liderança do movimento abolicionista paulista⁹.

O tio-avô de Purezinha foi também redator-chefe e provedor do jornal *Redenção*¹⁰. Segundo texto¹¹ divulgado pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo:

A ele era atribuída a liderança do movimento abolicionista conhecido por “Ordem dos Caifazes”, grupo clandestino que promovia ações de resgate de escravos, escondendo e contrabandeando-os para lugares mais seguros, como o quilombo do Jabaquara, em Santos.

Ao lado de Antonio Bento, outra figura notória na família de Purezinha é René de Castro Thiollier (1882-1968). Ele foi advogado, escritor e intelectual fortemente envolvido com o grupo modernista paulista. Tornou-se, mesmo, um dos mecenas do Modernismo, responsável, por exemplo, pelo aluguel do Teatro Municipal de São Paulo para o evento da Semana de Arte Moderna de 1922.

⁸ Trecho da lei de 7 de novembro de 1831, disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html> Acesso em: mai. 2018.

⁹ Texto “O abolicionista Antonio Bento”. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/materia/o-abolicionista-antonio-bento,2806>> . Acesso em: Mar. 2018.

¹⁰ O jornal abolicionista circulou com regularidade em São Paulo de 2 de janeiro de 1887 até a promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. Após essa data foram publicados alguns números em caráter comemorativo. O último da coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) é de 13 de maio de 1899. “A Redenção” foi um jornal combativo, de cunho manifestamente popular, sempre repleto de ataques a fazendeiros, políticos e a outros jornais que defendiam a instituição escravista. Fonte: <<http://www.saopauloglobal.sp.gov.br/noticias/detalhenoticia.aspx?id=2493>>. Acesso em Mar 2018.

¹¹ Jornal “A Redenção” ganha título de Patrimônio da Humanidade. Disponível em: <<http://www.saopauloglobal.sp.gov.br/noticias/detalhenoticia.aspx?id=2493>>. Acesso em Mar 2018.

Thiollier era primo de segundo grau de Purezinha, filho do francês Alexandre Honoré Marie Thiollier e de Fortunata de Sousa e Castro Thiollier – irmã de Antonio Bento.

Valter Cesar Pinheiro, expõe em sua tese:

A família de Fortunata opôs-se ferozmente ao relacionamento da jovem com um rapaz *grenoblois*¹² de um lado, uma paulista de quatro costados; de outro um simples empregado da casa Garraux. Resistência vencida, Alexandre Honoré e Fortunata casaram-se em 1879 e tiveram dois filhos, René e Marcelo. (PINHEIRO, 2014, p.14)

O pai de Renné era funcionário da famosa casa Garraux, uma livraria acadêmica em São Paulo que atuou entre as décadas de 1860 a 1930. Alexandre Thiollier, era um francês sem ascendência aristocrática e, como se lê no texto de Pinheiro acima transcrito, teve certa dificuldade em cortejar Fortunata de Souza e Castro, membro de importante família paulistana.

Sobre a família de Fortunata, Pinheiro acrescenta ainda:

Fortunata tinha três irmãos e irmãs: Antonio Quirino, advogado e professor em Taubaté, (avô de Purezinha, esposa de Monteiro Lobato); Clementino, juiz, ministro do Tribunal e Presidente da Intendência; Antonio Bento, o mais conhecido dos irmãos, advogado e abolicionista (a quem René Thiollier dedicaria um estudo histórico-biográfico, *Um grande chefe abolicionista, Antonio Bento*, publicado em 1932); Cerina, baronesa de Itapetininga e Tatuí, proprietária de uma mansão na Praça do Patriarca (cortada para a construção do Viaduto do Chá); Ana, esposa de José Maria Lisboa, fundador e proprietário do *Diário Popular*; e Clementina, casada com Belizário Francisco Caldas. Clementina e Belizário são os pais de Sylvia Teixeira de Carvalho, prima e futura esposa de René Thiollier. (PINHEIRO, 2014, p.14)

Como se vê, entre membros da família de Purezinha, cultivavam-se interesses diversos que se estendiam da militância política de seu tio avô Antonio Bento ao envolvimento com a vanguarda artística brasileira de seu primo René de Castro Thiollier.

Tais observações tornam curioso pensar que no encontro e casamento de Purezinha com Monteiro Lobato consorciavam-se duas famílias com valores à primeira vista (talvez não apenas à primeira vista?) conflitantes: de um lado temos a família de

¹² Grenoblois: originário de Grenoble, cidade francesa. Fonte: Dicionário Larousse. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>>. Acesso em: mai. 2018.

Monteiro Lobato, neto do Visconde de Tremembé, um fazendeiro aristocrata e de outro a família de Purezinha, tendo entre seus membros um dos principais abolicionistas do país. Outro paralelo que podemos estabelecer é sobre a orientação intelectual de Purezinha e Lobato: o escritor brasileiro é acusado até hoje de retrógrado, antiquado e conservador, por não ter apoiado os modernistas em 1922 e tinha na família da esposa um dos patrocinadores do evento que deflagra o movimento.

Como seria a relação entre essas famílias? Até mesmo Lobato e Purezinha teriam vivido algum impasse ou discordância a respeito do tema? E sobre a obra de Lobato, nos últimos anos, presenciaram-se muitos debates sobre o aceite de seus livros infantis na escola por serem considerados por alguns de conteúdo racista¹³ – o que acharia Antonio Bento a respeito se estivesse vivo na época das publicações de Lobato?

Pensamos que a partir desta pesquisa, podemos subsidiar novas hipóteses sobre as relações intelectuais paulistas no início do século XX, como por exemplo que havia muito mais que a dicotomia “Monteiro Lobato versus modernistas” presente nos livros didáticos, ou a ideia disseminada de um Lobato racista a partir da leitura descontextualizada de seus textos. Por outro lado, sabemos que as respostas para as perguntas citadas no parágrafo anterior não são claras – algumas nem possíveis de se ter, mas o fato é que Lobato e Purezinha namoraram e se casaram, e o encontro deles, segundo Edgar Cavalheiro, biógrafo de escritor, foi na casa do Dr. Quirino:

¹³ Os artigos de José Carlos Sebe Bom Meihy (reunidos em *O outro Lobato: Juca Tatu* Taubaté. Ed Unitau. 2012) discutem contextos e percursos das acusações a Lobato de racismo. A seguir, trecho do **Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB Nº: 15/2010)**, que considerou a obra *Caçadas de Pedrinho* (1930) como inadequada à sala de aula por conter trechos racistas. O parecer recomenda que: “A obra CAÇADAS DE PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil”. Esse parecer foi reexaminado pelo **Parecer CNE/CEB 6/2011** que indica “naturalmente, como toda leitura escolar, o livro será lido sob a supervisão de um professor que, como leitor maduro, saberá mostrar que trechos isolados não compõem uma obra e que na literatura não é a soma das partes que fazem o todo. Também não deixará de aproveitar para discutir com os seus alunos os aspectos da realidade que a obra busca representar, articulando a leitura do livro com outras leituras e com o próprio cotidiano da escola, do bairro, da cidade e do país. São critérios de avaliação: a qualidade textual, a adequação temática, a ausência de preconceitos, estereótipos ou doutrinações, a qualidade gráfica e o potencial de leitura considerando o público-alvo.” **Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB Nº: 15/2010)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&Itemid=30192>. Acesso em: mai. 2018.

(...) presença de uma jovem - Maria da Pureza Natividade – que viera da Capital passar uma temporada em casa do avô, o velho Dr. Quirino. A moça é bela, muito clara, “branca como pétala de magnólia, linda” e os rapazes do lugar se apressam em fazer-lhe a corte. Entre eles Lobato, que fora aluno do avô, o Dr. Quirino, a quem agora procura sob o pretexto de jogar xadrez. (CAVALHEIRO, 1955, pp. 123-124)

Algumas cartas de Monteiro Lobato confirmam as informações do biógrafo, com menos romantismo e mais objetividade que o texto de Cavalheiro. Em carta de 1906, o rapaz – jovem bacharel em direito – comunica seu noivado a Godofredo Rangel (1884-1951) amigo com quem manteve correspondência por toda a vida¹⁴:

Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do Doutor Natividade que te examinou em Aritmética no Curso Anexo, minha prima longe¹⁵, professora complementarista, loura, branca como pétala de magnólia, linda (Carta de Taubaté mar 1906 - *A Barca de Gleyre*, 2010, p. 106)

O fato de Purezinha ser professora estabelece outro vínculo sugestivo entre a família Gouveia Natividade e a de Monteiro Lobato. Edgard Cavalheiro assim registra a identidade da avó materna do escritor:

Uma das aventuras do Visconde deu-se com Anacleta Augusta do Amor Divino, jovem e humilde professora de primeiras letras. Dessa ligação nascem dois filhos: Olímpia e José Francisco.¹⁶

É, assim, por Anacleta – mãe de Olímpia Augusta Monteiro Lobato – que se fortalecem, contemporaneamente, discussões relativas a uma possível ascendência negra de Monteiro Lobato. O sobrenome de sua avó materna (do Amor Divino) – pela sua forte carga semântica cristã – identifica-se com procedimentos de que lançavam mão escravos e ex-escravos que careciam de sobrenome.¹⁷

¹⁴ A correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel está publicada em *A Barca de Gleyre* (1944).

¹⁵ No caderno de anotações de Purezinha, em uma genealogia da família registrada por ela, os dois têm tataravôs em comum: o Sargento Mór Manuel de Moura Fialho e Anna Mar, condes de Oliveira, casados em 1827.

¹⁶ Cavalheiro, E. op.cit. 1o. vol. p.22

¹⁷ Relativamente a ecos cristão de sobrenomes de ex-escravo, Cf. Santos Silva, M.A.de Sousa *As cartas de alforria e de compra e venda de escravos em morada nova*, disponível em http://www.apec.org.br/extra/artigos_cientificos/AS_CARTAS_DE_ALFORRIA_E_DE_COMPRA_E

Em carta ¹⁸, que Lobato enviou à amada, dias após o noivado, ele reclama da demora da noiva em responder:

Esprei hoje a resposta da minha de sábado, mas o carteiro chegou de mãos vazias, enchendo-me de tristeza. Vi que de tua parte nenhuma pressa existe em proporcionar-me momentos felizes que serão os em que te ler. Paciência! Esperemo-la para amanhã. (Carta de 24 set. 1906 - LOBATO, 2011, p. 28)

O tema é recorrente: já no dia seguinte, 25 de setembro, o jovem noivo reclama mais uma vez da demora, ameaçando, em um PS, devolução dos cartões postais que recebera dela. A ameaça parece combinar bem com a ironia da paródia da oração católica (*Seja feita a tua vontade*) e, no fecho, com o emprego de abreviaturas usadas em correspondência comercial / oficial (*consideração de V. Ex^a C.o.O^o e att^o veneed*), bem como o formalismo representado pelo nome / sobrenome da assinatura:

Ainda hoje o carteiro não me trouxe coisa nenhuma. É, pois, certo que não queres corresponder comigo. Paciência! Seja feita a tua vontade. Nunca mais incomodar-te-ei com minhas cartas. Está ficando sendo a última. // Com toda a estima e consideração de V. Ex^a C.o.O^o e att^o veneed^or,
J. B. Monteiro Lobato

P.S. Deseja a devolução dos cartões que possuo em meu poder? (Carta de 25 set 1906 - LOBATO, 2011, p. 28)

No mesmo dia 25 de setembro, o impaciente noivo envia cartão-postal endereçado a Purezinha e à sua irmã Noêmia (LAJOLO, 2006, p. 27-28), escrito em código perguntando-lhes se há alguém zangado com ele e assinando como “primo Juca”. Na cuidadosa transcrição de Emerson Tin¹⁹, lê-se: P. que não respondem aos meus cartões? Estarão zangadas comigo? Vêm à festa? Do primo Juca. Vale notar que o “texto” está circundando a imagem, ou seja, fora do espaço convencionalmente destinado – em postais – para a mensagem. Aliás, no cartão, não há este espaço.

VENDA DE ESCRAVOS.pdf . A questão também fica sugerida na revisão de biografias lobatianas discutidas por Sebe Bom Meihy, op. cit.

¹⁸ A correspondência que Monteiro Lobato enviou a Purezinha antes do casamento está reunida em *Cartas de amor* (1969) com organização de Cordélia Fontainha Setta. A editora Globo lançou uma nova edição do livro em 2011.

¹⁹ A edição de informa que a partir da leitura das várias cartas de amor de Lobato, foi possível a decifração do código presente no cartão-postal.

Tanto a duplicação das destinatárias quanto a formalidade da assinatura podem indicar diferentes estratégias de Lobato na tentativa de sensibilizar a noiva para uma correspondência mais regular.



Ilustração 1

Figura 1: Reprodução da página do livro *Quando o carteiro chegou*. Frente do cartão-postal enviado a Purezinha no dia 25 de setembro de 1906

Fonte: LAJOLO (2010).

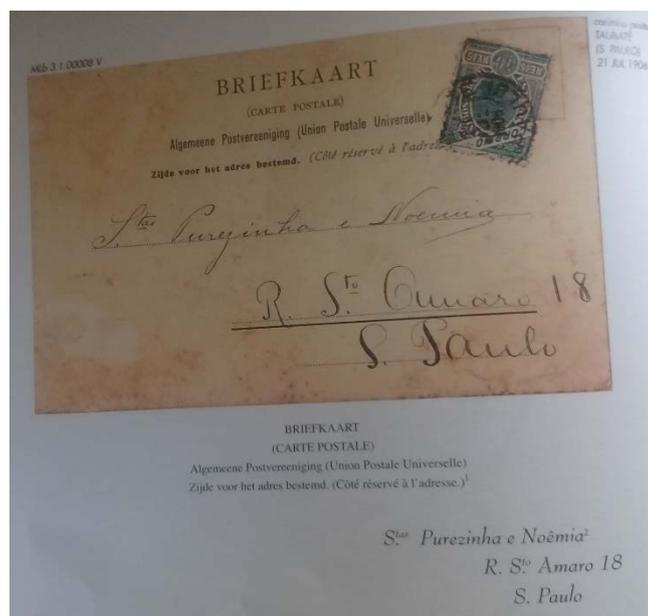


Figura 2: Verso do cartão-postal trata-se da página do livro *Quando o carteiro chegou* enviado a Purezinha e Noêmia no dia 25 de setembro de 1906

Fonte: LAJOLO (2010).

Parece que a estratégia funcionou.

Podemos supor que a resposta tenha sido imediata, apesar de não dispormos da carta pela qual Purezinha teria respondido ao noivo. Carta deste, datada de 30 de setembro, menciona carta de Purezinha de 28 de setembro:

Meu amorzinho

Encheu-me de remorso a tua de 28, mas um consolo resta e é que se te causei alguma tristeza, foi-lhe causa o muito, o grande amor que te tenho. Não pude suportar a ideia de que demorasses tanto em responder à minha primeira carta de noivo. // Entrei a arquitetar mil suposições e, cheio de dor e tristeza, deixei escapar palavras que te magoaram. Mas espero da bondade de teu coração que já nenhum ressentimento exista nele contra mim. Amar é perdoar, sempre e constantemente – se é que me amas, perdoado estou de há muito tempo. Se eu te tivesse amor menos intenso, é claro que aquela demora nenhuma dor me causaria; mas não sendo assim, é mais uma prova te dei do que vivo a afirmar. (LOBATO, 2011, pp. 30-31)

Purezinha teria ficado irritada e triste com a desconfiança do noivo? Se tinha acabado de aceitar se casar com Lobato, qual seria o motivo de tamanha desconfiança dele? Ele não sabia que ela era ocupada e trabalhava como professora na capital?

Mas, em outra carta, datada do mesmo dia 30 de setembro, mesmo depois de se desculpar por ter entristecido a noiva, justificando sua insegurança com o amor que lhe diz ter, Lobato volta a queixar-se das cartas que Purezinha lhe enviara, criticando o “excesso de cerimônia” usado por ela:

Não tens nada dentro de ti, Purezinha? Não tem uma coisa a que chamam alma e donde saem as palavras, as ideias, os pensamentos e os assuntos? És tão parcimoniosa no escrever ... dizes com tanta cerimônia as coisas... Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento. (LOBATO, 2011, p.31)

Monteiro Lobato pede mais espontaneidade e que a noiva escreva “atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais” para que expresse melhor seu sentimento por ele. Aparentemente, Lobato detém-se em aspectos materiais da carta, como a limpeza do papel e a correção de linguagem e pede-lhe mais espontaneidade.

Mas pedir isso a uma “professora complementarista” – que lecionava no primário e ensinava o capricho da boa escrita?

Purezinha estudou no Curso Complementar – que funcionava junto à atual Escola Caetano de Campos em São Paulo – entre 1896 e 1901. O curso complementar foi criado pelo governo de São Paulo entre 1890 e 1911 como tentativa de aumentar o número de professores formados, que antes vinham apenas da Escola Normal. Considerando que um (a) professor(a) complementarista tinha as mesmas prerrogativas profissionais de alguém formado em curso Normal, Tony Honorato comenta o momento vivido no cenário da educação do Estado de São Paulo:

O fato é que a questão sobre a demanda de professores era muito acentuada. Por isso, dentre outras razões, os legisladores republicanos paulistas precisariam encontrar uma solução para formação/diplomação de professores. Foi neste sentido que a proposta de escola complementar colaborou para solução paliativa do problema a partir de 1896²⁰.

Em carta de 1906, Lobato escreve a Purezinha que pretendia enviar-lhe uma carta pela diretora do colégio²¹, que estava de viagem em Taubaté:

Miss Stafford ia levar uma cartinha minha que já estava escrita, mas como no dia em que ela foi eu tive que ir a São Roque, só voltando à tarde, perdi a portadora. (LOBATO, 2011, p. 47).

A correspondência amorosa de Lobato, nos revela que já naquela época, uma professora tinha muito trabalho. Em carta de 19 de julho de 1907, o noivo reclama do excesso de trabalho da moça:

Não fiquei satisfeito em saber que tu andas acumulada de serviço no colégio. Magrinha como estás a que estado ficarás reduzida com esse acréscimo de tarefa! (LOBATO, 2011, p. 109)

Em outra carta, de Areias em 27 de julho de 1907, Lobato reclama da noiva que acrescentou ao seu trabalho a substituição de uma professora doente – o que segundo ele – a impedia de engordar:

²⁰ HONORATO, Tony. “A escola complementar paulista (1890 – 1911)”. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/A%20ESCOLA%20COMPLEMENTAR%20PAULISTA.pdf>> . Acesso em: mai. 2018.

²¹ Na época, Purezinha trabalhava no colégio dirigido por Miss Stafford. No próximo capítulo “Purezinha intelectual” se saberá mais informações sobre Miss Stafford.

Manda-me contar se te aumentaram as banhas e se ainda substituis no colégio a professora doente (LOBATO, 2011, p. 111)

Outra estratégia que usaria com seu público leitor, anos depois, é de pré-annunciar um novo texto, antes de seu lançamento – como faz com Purezinha em cartão-postal de 25 de fevereiro de 1907 (LAJOLO, 2006, p. 30-31). Nele o jovem promotor anuncia “uma grande carta” para o próximo dia, como se lê: “Estou me preparando para te escrever amanhã uma grande carta... Espera-a! Juca”.

O uso do objeto direto “a” ao lado do verbo “espera”, produz também uma continuidade no som – o que valorizaria a espera – recurso atualmente utilizado em histórias em quadrinhos e mensagens eletrônicas.

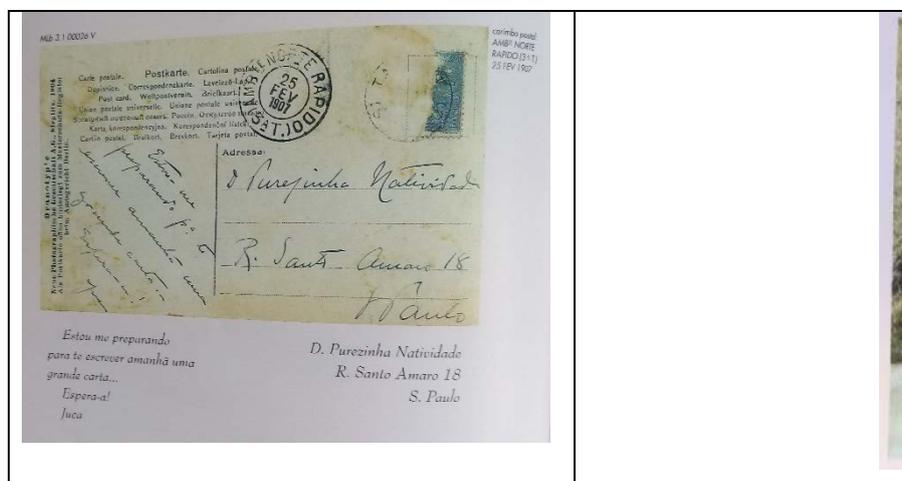


Figura 3: Reprodução da página do livro *Quando o carteiro chegou*. Frente e verso do cartão-postal enviado a Purezinha no dia 25 de fevereiro de 1907

Fonte: LAJOLO (2010).

Mas talvez esse excesso de cartas e cartões enviados por Monteiro Lobato não fosse suficiente para a bela professora. Em carta de 26 de janeiro de 1908 para o pai de Purezinha, o jovem noivo relata a conversa que tivera com Purezinha, na qual ela reclama o estado incerto do compromisso dele – uma vez que já se tinham passado quase dois anos de noivado.

Essa “confabulação” entre eles, teria motivado Lobato a escrever ao Dr. Natividade pedindo que apressasse a data do casamento, pois Purezinha encontrava-se insegura quanto aos seus propósitos de matrimônio, o que a impedia de engravidar:

Doutor Natividade

Vim hoje de Areias visitar Purezinha e depois duma longa confabulação assentamos em eu lhe escrever pedindo para marcar a época do nosso casamento abreviando-a o mais possível, por vários motivos. O primeiro e o principal é o estado de incerteza e de “no ar” de que se queixa Purezinha e que lhe faz mal, trazendo inquietações de toda a espécie e impedindo-a de engordar.

Casados passaremos aqui vários meses e ela poderá constantemente chegar até aí, matando assim as saudades, e se preparando para a separação mais prolongada da nossa comarca.

O casamento poderá ser feito aí ou aqui, numa igreja, para facilitar e, evitar à dona Brazília o transtorno e a maçada de, com doente em casa, receber e lidar com os inevitáveis convivas.

Purezinha abunda nestas ideias e se não o escreve é devido à sua excessiva reserva.

Passo a segunda e terça-feira aqui à espera de sua resposta. (LOBATO, 2011, pp. 166-167)

Lobato havia pedido Purezinha em casamento em 1906, quando ainda era apenas Bacharel em Direito e não tinha emprego. Um ano depois, o avô consegue para ele uma colocação como promotor público na comarca de Areias, no entanto, o casamento ainda não se concretizara. Por outro lado, Purezinha já era professora desde 1901, quando se formara na escola complementar, e trabalhava no Colégio de Miss Stafford na capital paulista. Mas se os dois trabalhavam – e possivelmente possuíam renda e apoio de suas famílias – por que depois de quase dois anos ainda não tinham se casado? Talvez esse tenha sido o contexto da conversa entre Purezinha e Lobato, que resultou no matrimônio dois meses depois.

Não sabemos na realidade quais teriam sido as indagações de Purezinha, suas questões e queixas a Lobato, o que sabemos, no entanto, e que o casamento foi realizado dia 28 de março de 1908 em São Paulo.

Pouco mais de três meses depois do casamento, a irmã de Purezinha, Heloisa de 7 anos, falece e as mulheres da família cuidam dos preparativos para o enterro da menina. Enquanto os homens estão ocupados com “assuntos importantes” – como a correspondência e a discussão de textos literários – cabe as mulheres o papel da vida prática. Se diante da morte eles discutem e pensam sobre a vida e a morte, elas cuidam do corpo que será velado e confortam os vivos que ficaram com explicações como “Acabou de sofrer; agora é que ela está feliz. Vai para o céu, lá com Deus.”. Talvez isso tenha acontecido em outros momentos da vida de Purezinha e Monteiro Lobato: enquanto ele se ocupava com “grandes questões” para o Brasil, ela seguia cuidando da família e da vida prática:

Há morte em casa. Aproveito para esta cartinha o vácuo que vai do último suspiro ao enterro. Ando em atraso contigo – mas é que o tempo encurtou-se-me depois que casei. Aquelas horas vagas que em solteiro eu empregava na boemização espiritual, já lendo, já devaneando ou escrevendo, a esposa absorve-as. Quem casa adquire sombra – e sombra é sombra. As mulheres são seres colantes e como fugir aos seus manejos? E depois não querem saber de literaturas – têm ciúmes dos livros que lemos, julgam-se lesadas com a meia hora que o marido lhe rouba para cartejar com um amigo. E como são práticas e positivas as mulheres! Como se entendem lá entre si quando é caso de doença, quando há casamento ou alguém morre! Enfermeiras natas, casamenteiras natas, lidadoras natas de defunto... // Um homem desnorreia-se com o fenômeno morte. Larga-se da realidade presente e medita, inerte. Filósofa, em vez de lavar o defunto. A mulher faz tudo; arranja o morto, veste-o. Sabe qual é a toalette conveniente para a viagem ao Setepés. Sabe que as crianças se transformam em anjinhos e veste-as de cetim branco, com renda de filó e grinalda de flor miúda. (Eu era capaz de vesti-los de cetim de violeta, sem renda nenhuma e grinalda de rosas amarelas; falta de senso do certo). // A morta da casa é uma cunhadinha – Heloisa – de 7 anos. Vi tudo. Vi a ciência infusa feminina em ação. Não há o que não saibam, as danadas. Sabem que se deve por nas faces do defunto um lenço embebido em água de Colônia – “para não pretejar”. Sabem que entre os lábios é bom por um chumacinho de algodão – “porque pode subir alguma espuma”, etc. E tem toda uma filosofia prática de grande comodidade, com a qual se consolam e consolam os outros: “Acabou de sofrer; agora é que ela está feliz. Vai para o céu, lá com Deus.” “Que inveja tenho dela! Quando chegar ao céu, Deus não achará isto de pecado na coitadinha”! E marcam o “isto” na unha. // Tudo previsto, determinado, fixo. Enquanto o homem engasga-se com filosofias e oscila de Büchner a Pascal, elas praticam com a maior simplicidade d’alma essa filosofia da comodidade chamada Religião. Ingenuamente felizes! (Carta de S. Paulo, 10 jul. 1908 - LOBATO, 1957, pp. 213-214)

Em 3 de março de 1909, nasce Martha, a primeira filha do casal, e Purezinha se ocupa em cuidar da filha, enquanto o marido continua exercendo a Promotoria Pública em Areias.

Em carta de 2 de setembro de 1909, Lobato escreve ao amigo Rangel sobre como a esposa está atenta as traquinagens da filha:

A Marta está uma turuninha, engatinha muito bem, diz papai e mamãe como as bonecas e já mostra dois dentes. Percorre a casa inteira com uma curiosidade sem fim, vendo e pegando tudo. E leva à boca o que encontra. Ontem, num momento de descuido da pagem, pegou uma lagartixinha tonta e levou-a à boca. Se Purezinha não aparecesse no momento, comia-a. (LOBATO, 1957, pp. 267-268)

É interessante pensarmos como Monteiro Lobato se preocupava com a imagem da esposa que construía aos amigos. Nas cartas anteriores, ele a descreve como uma

mulher sábia na “ciência prática feminina”, capaz de resolver problemas práticos: como a organização de enterros e o cuidado com a filha. Por outro lado, quando o amigo lhe pede uma fotografia da esposa e da menina, ele responde não ter nenhum “bom retrato de Purezinha” para enviar – ou talvez nenhum que combinasse com as descrições que fazia dela. Outro fato curioso é que Lobato colecionou fotografias que tirava de Purezinha durante toda a vida:

Não tenho nenhum bom retrato de Purezinha e Marta. Por Areias passou antigamente um fotógrafo – e toda gente recorda-se com saudades do tempo em que podiam fixar as caras. Lá para o fim do ano vamos para São Paulo e então terás o que pedes. Também Purezinha tem muita vontade de saber como é a cara de dona Bárbara. Se tem retrato que dê ideia, venha. (Carta de Areias, 7 jul 1909). (LOBATO, 2010, p. 215)

Em carta de 19 de agosto de 1912, Lobato envia as fotografias solicitadas pelo amigo e escreve “Mando uma fotografia dos meus pintos empencados no pai-capão²². E a da capelinha. E a de Purezinha feito Madona”. (LOBATO, 1957, p. 330). De forma irreverente, Lobato constrói a imagem que deseja de sua esposa e filhos.

Em 7 maio de 1910, nasce o segundo filho do casal: Edgar. Purezinha e Monteiro Lobato passam os primeiros meses do bebê na casa da família Natividade em São Paulo. Purezinha e Lobato estão casados há dois anos, já têm filhos e Lobato parece ainda não “saber o que quer da vida”, pensando em ir viver na praia, e enquanto Lobato cita Zola na carta ao amigo Rangel, Purezinha atende ao pequeno Edgar que chora:

Não é por falta de tempo que te não escrevo e sim por falta de sossego. Estou em casa de meu sogro, onde há muita gente, filhas que estudam piano (uma toca o dia inteiro o *Chiribiribi*) e onde há três pessoas surdas, ou de “ouvidos duros”, de modo a produzir-se muito falar gritado. E há mulheres, que surdas ou não, falam demais e sempre alto – e não há um cantinho sossegado onde um pobre cérebro possa pensar pensamentos como os nossos. [...] Ando querendo dar nova direção à minha vida, e por causa disso tomei mais três meses de licença. [...] Não sei o que fazer de mim, se vou para Caçapava, se fico em S. Paulo ou retorno para Areias. Também ando a pensar em Ubatuba por causa do mar. Todo um ano só mar, mar, mar, como no *Joie de Vivre* de Zola, em que o mar marulha desde a primeira página até a última. [...] O meu Edgar chora, o piano toca o *Chiribiribi*, as mulheres falam, os surdos gritam, um canário trina. O barulho não é uma ficção, Rangel. (Carta de São Paulo, 20 mai 1910 - LOBATO, 1957, pp. 288-289)

²² Pai-capão: Alegoria a tipo de frango capado e gordo.

Purezinha tinha acabado de dar à luz ao segundo filho – enquanto a primeira tinha pouco mais de um ano – ou seja, eram dois bebês na casa, o que colaborava para o barulho do qual o marido reclamava. Talvez por isso, eles decidem passar mais alguns meses em São Paulo e vão morar na Rua Formosa, 53 – na tentativa de mais privacidade, ou menos barulho em casa.

Alguns meses depois, Purezinha perde seu pai em Taubaté, fato registrado por Lobato em carta de 27 de setembro de 1910 a Rangel: “Tua última me pegou em Taubaté para onde vim por três dias em virtude da morte do meu sogro, a 13 do corrente”. (LOBATO, 1957, p. 295)

Com três anos de casados, Lobato começa a queixar-se da esposa. Ela teria perdido sua “agulha de estimação” – que tanto lhe tinha sido útil em tempos de solteiro. Mas por que ele se reclamaria da falta de uma agulha, se agora tinha uma esposa, que provavelmente pregava todos os seus botões caídos? Talvez, o que Lobato reclamasse fosse a autonomia e independência que não encontrava mais na vida de casado como comenta em outras cartas também:

Em estudante eu tinha uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha – minhas propriedades paravam nisto. Essa agulha me fora dada aqui, certa vez por uma velhinha de nome Nh’Ana Rosa. Conservei-a toda vida espetada na gola e com ela preguei todos os meus botões caídos. Chegou a entortar de tanto uso a coitadinha. Pois hás de crer Rangel, que logo que me casei a primeira coisa que Purezinha faz foi perder a minha agulha, histórica e tão amiga? (Carta de Taubaté, 4 abr. 1911 - LOBATO, 1957, p. 299)

Na mesma carta, Lobato informa ao amigo a morte de seu avô, o Visconde de Tremembé. O avô lhe deixa de herança uma fazenda, onde vai morar com a família. Purezinha deixa a vida na pacata Areias e vai viver na fazenda com o marido e os filhos – o que provavelmente mudou sua rotina familiar, uma vez que com a herança, seu marido virou “proprietário de coisas”:

Tua carta chegou-me ao voltar eu da missa de 7º dia de morte de meu avô. Faleceu a 27 de ruptura de aneurisma, como se previa. Um grande homem, o meu avô e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto para Areias – abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borbototeio mental [...] Minha vida agora vai ser de “proprietário”. [...] E agora vou ser proprietário de coisas – casas, terras, fazendas. (Carta de Taubaté, 4 abr. 1911 - LOBATO, 1957, p. 300)

Em carta com data provável entre 1912 e 1913, Lobato informa a irmã que ganhará mais um sobrinho ou sobrinha e lhe conta os nomes que pensa em pôr no filho: “eu vou bem de saúde e Purezinha me acompanha esperando para logo. Se for homem será Lopo, ou Roupinho, ou Trutezinho. Quero nome quinhentista a ver se lhe pega o brio daquelas eras. Vai haver polêmica grossa”. (LOBATO, 1959, p.149).

O bebê nasce, em 1913, e recebe o nome de Guilherme. Sugestão da mãe? Não sabemos com certeza, no entanto, anos depois Purezinha é acusada de “mimar” o filho, presenteando-o com um *Ford*.

Em 1915, a família decide passar alguns meses em Caçapava, interior de São Paulo. No processo da mudança, o marido alugou uma casa antiga “com alcovas escuras, sem jardim, sem ar, sem nada”. Como poderiam viver com três crianças em uma casa assim? Purezinha teria reclamado com Lobato, exigindo uma casa mais moderna, com pintura nova, clara, ou seja, adequada para se viver com a família:

Meu atraso para com você vem da bacanal doméstica que se chama “mudança”. E a mim a coisa triplicou. Resolvemos passar alguns meses nesta cidade, mas com a pressa tomei a casa errada – uma daquelas coisas horríveis em que moravam os nossos bisavós, com alcovas escuras, sem jardim, sem ar, sem nada. Depois que vim com a família e a bagagem é que dei pelo erro. Começaram os suspiros da esposa. Tive de levar a família para Taubaté até que concluíssem cá a pintura de outra casa, moderna e como se quer. E como ontem me instalei, só hoje posso por em dia a correspondência. (Carta de Caçapava 16 jan. 1915 - LOBATO, 1957, p. 5)

Mas parece que a vida doméstica não é só reclamação. Em carta de 6 de fevereiro de 1915 ao amigo Rangel, Lobato agradece os elogios que tem recebido e diz que não pode dormir por ser “uma espécie de tição em brasa” com sua esposa Purezinha. Se em outra carta se define como um “galo-capão”, agora afirma sua virilidade e completa “Pobre Purezinha”, como se a esposa não tivesse escolha frente à masculinidade do marido:

É a Gloria que começa, Rangel. Os adjetivos vão se chegando, como ratinhos ao queijo. Vêm primeiro os camundongos de todos os dias. Depois começam a aparecer ratazanas – ratos mais raros. “Flamante!” Isto me cheira a rato raríssimo, já é coisa ogival, flamboyant, das que queimam e tiram o sono à gente. Como irei dormir em paz, Rangel, se sou flamante, chamejante, uma espécie de tição em brasa? Pobre Purezinha... (LOBATO, 1957, pp. 17-18)

No mês seguinte, em 30 de março de 1915, Lobato continua exaltando sua masculinidade, apresentando dois tipos de mulheres: uma para procriar e outra (fora do casamento) como Aspásia²³ – mulher do grego Péricles – exaltada por sua beleza e inteligência:

Em matéria feminina, estou que a boa mulher, a certa para esposa, é a quituteira, mentalmente divorciada do marido e que lhe dá liberdade de esvoaçar. A monogamia não é agradável a Deus. O que Deus quer é forma grega: esposas procriativas no gineceu e Aspásias no jardim. (LOBATO, 1957, pp. 26-27)

Se em outros momentos, ele apresenta Purezinha como uma mulher inteligente, que lê seus textos e palpita, na carta acima, o escritor exalta as qualidades domésticas da esposa, usando-as quase como desculpas para ter outras “Aspásias no jardim”, usando de ironia dizendo que “a monogamia não é agradável a Deus”. Se, o marido teve ou não outras mulheres fora do casamento, não temos certeza, mas o que sabemos é que Lobato gostaria de aparecer ao amigo como macho viril frente ao uma esposa do lar, que cozinhasse bem e lhe dava filhos.

No ano seguinte, em 29 de fevereiro de 1916, nasce Ruth, a quarta filha do casal. Purezinha não teria passado bem, ao contrário dos outros partos, talvez por isso sempre procurasse ficar perto da família (da mãe) nos seus “resguardos”. No último, não conseguiu amamentar a filha, como alternativa buscou uma ama de leite para o bebê, no entanto não teve sucesso, pois a ama não passou bem:

Purezinha conquanto não fosse tão feliz como dos partos anteriores, já está de pé há muitos dias. O que teve foi talvez uma leve recaída, do que resultou ficar sem leite. Arranjamos ama, mas com tão pouca sorte que a bicha no 10º dia caiu de cama com um furibundo acesso de reumatismo agudo e grita como se estivesse assando viva. (Carta a Esther sem data - LOBATO, 1959, p. 150)

Seis meses após o nascimento da filha, de Lobato propõe que a família se mude para o Rio de Janeiro, no entanto, Purezinha acha inviável e prefere São Paulo, cidade que conhece bem.

²³ Lobato apresenta a figura de Aspásia no conto “Na casa de Fídias”, em *Literatura de Minarete* (1959) e em *O Minotauro* (1939).

Demorei-me em escrever por causa da corrimaça [sic]. Estive meio mês no Rio e dez dias em S. Paulo, donde voltei ontem. Minha (in)tenção era fixar-me no Rio, onde pelo menos há *la natureza* e o Wenceslau; mas a mulher dispôs o contrário. Quer São Paulo e, pois, muito a contragosto, tenho de fixar-me em S. Paulo, terra bem pior que Buquira. (Carta de Caçapava, 24 set. 1917 - LOBATO, 1957, p. 151)

Mais uma vez, uma decisão de Purezinha prevalece. Lobato diz que gostaria de ir a Minas Gerais, mas não foi possível por conta da vontade da esposa:

Meu projeto de ir a Minas gorou. Venha você a São Paulo. Meus projetos goram como ovos, porque não sou um, sou dois. Eu ponho, Purezinha impõe. (Carta de São Paulo, 4, nov. 1917 - LOBATO, 1957, p. 160)

Em outra carta ao amigo Rangel (Carta de São Paulo, 1918), Lobato comenta que temeu que a esposa lesse sua correspondência. O escritor teria escrito algo relacionado ao peso das mulheres: algo que se Purezinha (ou Dona Bárbara) lesse, provavelmente se sentiria ofendida, o que causaria problemas a ambos os maridos. Mas afinal, que mulher gosta que falem de seu peso?

Escapei da grande encrenca. Purezinha não viu a carta. Eu te disse aquilo muito de propósito para que tua mulher lesse. O caso foi assim. Esteve cá não sei quem de Minas e me contou que te achara excessivamente magro e tua mulher muito gorda. E vou eu então e escrevo aquilo, para que ela emagrecesse um pouco e desse modo se aproximasse do equilíbrio conjugal quanto ao peso. Ótimo sistemas das mulheres lerem as cartas do marido: serve até para fins terapêuticos... (LOBATO, 1957, pp. 174-175)

Nos anos seguintes, enquanto Lobato empenha-se na criação da editora e gráfica: a Monteiro Lobato & Cia, Purezinha continua como dona de casa, cuidando dos filhos.

Em 1925, São Paulo passa por uma crise elétrica (falta de água na Cantareira), que atinge diretamente a empresa do marido, o que leva a família a falência:

Não sei como desfechará o nosso caso. A situação piora. A Light, que prometera restabelecer a força este mês, avisa hoje que fará nova redução na energia fornecida. Só podemos trabalhar agora 2 dias por semana! E como a horrenda seca que determinou esta calamidade continua, é voz geral que teremos completa supressão de força em novembro. O desastre que isto representa para S. Paulo é imenso; e como se juntou à crise de energia elétrica a crise de água da Cantareira e a crise bancária o mal é enorme. Até o recurso de montarmos um motor Diesel falhou; depois de assentado, faltou-nos água para o

resfriamento. Verdadeira calamidade, Rangel. (Carta de São Paulo, 10 jun. 1925 - LOBATO, 1957, p. 277)

Os altos e baixos nas finanças de Monteiro Lobato são constantes: quando pediu a mão de Purezinha em casamento, apesar de ser neto do Visconde de Tremembé, não tinha emprego, depois por interferência do avô conseguiu cargo de promotor público em Areias, onde trabalha até herdar a Fazenda Buquira com a morte do Visconde. Depois de fazendeiro, vira dono de revista e editora, até que sua empresa vai à falência. E Purezinha? Qual seria sua posição frente aos arroubos financeiros do marido? Como lidaria com tamanha instabilidade?

Ao que parece, ela era precavida e mantinha economias próprias em paralelo ao marido, ajudando-o a pagar dívidas inclusive:

No momento, só posso arranjar 1:000\$000 que o Heitor poderá receber no Otales em São Paulo. // Logo que tenha mais, irá. Esse dinheiro não é tirado dos 3 mil contos que eu *roubei* à companhia. Nesse bolo ainda não buli. É produto de artigos de jornal e da economia de Purezinha. Mas o fim da maquia está perto. (Carta a Esther escrita do Rio de Janeiro em princípios de 1926 - LOBATO, 1959, p. 189)

Outro fato que nos sugere a “independência financeira” de Purezinha é ela ter podido dar um carro ao filho Guilherme, a contragosto do pai. Tão a contragosto, que Lobato aponta o presente da esposa ao filho como causa da morte do rapaz:

Espero que com a nova medicação você sare de uma vez, como sarou meu filho Gui, o que se parecia com você. O Gui sarou, teve alta, voltou para S. Paulo e de lá foi veranear em Taubaté, onde tinha muitos amigos, parentes e namoradas. E como Purezinha lhe havia dado um Ford, ele abusou – três meses depois reapareceu em S. Paulo magro e recaído. Voltamos para Campos do Jordão e não houve cura possível. Isto que estou dizendo que fique entre nós. Purezinha não admite que se toque no assunto – mas a causa da morte do Gui foi aquele Ford... [...] Recomendações de Purezinha e Rute, a qual te pede que dê lembranças ao Miranda. (Carta a Paulo Dantas escrita de Buenos Aires no Natal de 1946 - LOBATO, 1959, pp. 204-205)

Depois da morte de Guilherme, Lobato diz que “Purezinha não admite que se toque no assunto” ; ela não queria mencionar o tema por se sentir culpada? Ou talvez por não aguentar ser responsabilizada pela morte de um dos filhos, depois de ter dedicado a vida toda a eles? Ela devia ficar tão contrariada com a situação e insinuações do marido que não permitia que se tocasse no assunto. Os estados de ânimo de Purezinha não conhecemos com certeza, no entanto, sabemos que por sua vontade

Lobato não deveria retomar o tema da morte de Guilherme em ambiente doméstico, e quando o fez, tentou escondê-lo da esposa (talvez com medo das consequências).

Depois que sua editora em São Paulo faliu, Lobato e a família mudam-se para o Rio de Janeiro. Os pertences deles foram leiloados para que então refizessem a vida no Rio. Momento delicado vivido por Purezinha, mudar de cidade por causa da instabilidade financeira do marido, deixar uma rede de relações toda para trás. Deve ter sido difícil para ela:

Purezinha resigna-se, mas não aceita o Rio. Não sai de casa. Não quer divertir-se. Cultiva, em suma, aborrecimentos como os hortelões cultivam couves – esterçando-as e regando-as todos os dias. (Carta a Esther escrita nos fins de 1925 do Rio de Janeiro - LOBATO, 1959, p. 183)

Mas o tempo vai passando e as coisas vão voltando para o lugar. Os problemas que pareciam ser grandes, vão perdendo força, e Purezinha adapta-se à vida carioca:

Meu caro Heitor: só estou arrependido de uma coisa – não ter falido há mais tempo. Tenho a impressão de que voltei, depois de longo exílio numa Itália híbrida, à minha terra natal. O Rio é único e vale a pena falir para cair neste mangue encantado. Tenho um sonho: ganhar dinheiro para construir uma casa em Águas Férreas, ali pelo meio da Rua Cosme Velho. É positivamente um encanto! Reúne toda a beleza de Sta. Teresa e Tijuca sem as desvantagens desses dois paraísos. Meu medo era que Purezinha não se ajeitasse para cá, amiga do borralho como é. Veio nervosíssima, magra, arrenegando e jurando que não aceitaria nunca a nova terra. Pois em tão poucos dias já está mudada, está outra e vai acariocar-se rapidamente. (Carta a Heitor escrita do Rio de Janeiro com data 16 out. 1925 - LOBATO, 1959, p. 184)

Dois anos depois, a família de Monteiro Lobato vive mais uma grande mudança. Ele é nomeado adido comercial do Brasil e muda-se com esposa e filhos para os Estados Unidos. Talvez essa mudança tenha sido mais agradável e mais fácil que a última. Agora, o marido tinha um emprego público novamente e a família toda iria se mudar para Nova Iorque: “Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril, sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial”. (Carta do Rio de Janeiro, 23 mar. 1927 - LOBATO, 1957, pp. 299-300)

Em sua estadia nos Estados Unidos, parte da família ficou doente, exceto Purezinha. Na carta ²⁴ que escreveu ao amigo Alarico Silveira, Lobato descreve a esposa como sendo “de ferro”. Mas será mesmo? Ou será que alguém tinha que manter-se bem para cuidar do restante da família?

Um ano depois, em carta de 18 de abril de 1929, Lobato registra o desespero de Purezinha frente ao filho doente:

Imagine quanta encrenca. Purezinha impressionadíssima de vê-lo doente e só, justamente quando mais cuidados de família exige e eu preso, sem poder ir com ele (Edgar). (LOBATO, 1959, pp. 284-285).

Edgar vai ao Brasil e fica aos cuidados da tia Esther, o que não é suficiente para acalmar a mãe preocupada. Teca envia à cunhada fotos do rapaz ainda em recuperação:

Na carta de 20 de março de 1930, Lobato escreve ao cunhado Heitor sobre as preocupações de Purezinha em relação ao filho:

Purezinha logo que recebeu a carta de Teca contando tudo caiu numa prostração terrível e passou o dia chorando. Que dia! Além da má notícia daí, a Marta, que depois do parto ia passando sem a menor novidade, apresentou-se com qualquer coisa no seio e teve de regressar ao hospital onde está em observação e talvez tenha de ser operada. O *baby* por sua vez apanhou um forte *cold* e lá foi também para o hospital. (Carta a Heitor de *New York*, 20 mar. 1930 - LOBATO, 1959, p. 300)

Purezinha já era avó e se desdobrava em cuidar dos filhos. Ela se preocupava com Edgar e ajudava na recuperação de Martha²⁵. Tudo com a dedicação de uma “mãe de filho único”.

Em 1929, Monteiro Lobato, como muitos outros, investiu tudo o que tinha – inclusive o dinheiro que recebeu vendendo a parte dele na Companhia Editora Nacional – na Bolsa de Nova Iorque, o que aumentaria ainda mais as preocupações de Purezinha:

Nada diga a Edgar dos meus prejuízos, nem a Purezinha quando estiver com ela. Tenho guardado segredo e espero reestabelecer as finanças sem que ela o perceba. Para que aumentar a aflição do aflito? (LOBATO, 1959, p. 306).

²⁴ “Café doente, eu e todos da casa, exceto Purezinha, que é de ferro”. (Carta a Alarico escrita de New York com data de 10 abr 1928) LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 228.

²⁵ Encontramos registros na correspondência de Monteiro Lobato de duas ortografias do nome da filha: Marta e Martha.

Em 1931, Purezinha volta com a família para o Brasil e vão morar na capital paulista. Lobato chega ao país entusiasmado com as indústrias americanas e vem com a intenção de trazer ferro e petróleo ao Brasil. Tais ideias, no entanto, lhe causam sérios problemas políticos.

Durante esse período, em 1938, Purezinha perde seu filho Guilherme. Nas cartas de Lobato dos anos seguintes não encontramos registros nem comentários sobre a morte do rapaz, como mencionado anteriormente. Só em carta de 1946, escrita a Paulo Dantas, o escritor paulista comenta a morte do filho com tom de pesar. Lobato atribui a morte de Guilherme a um presente dado por Purezinha – um carro – e sugere que ela também carregue um sentimento de culpa, não admitindo que se tocasse no assunto. Talvez, por isso, esse tema não tenha sido encontrado na correspondência da época.

Em março de 1941, Monteiro Lobato é preso pelo seu engajamento político a favor do petróleo. Em carta a Purezinha escreve agradecendo o cuidado dela com ele, providenciando itens básicos – mas de suma importância para quem está preso (ceroulas, lenços, meias, pijama, aspirina):

Imagine agora o meu prazer quando ontem recebi um pacote. Abri e vi logo você ali – ceroulas, lenços, meias, pijama novo e aspirina. Que presente, Purezinha! Como qualquer coisinha é todo um mundo para quem está sem nada! Repeti mil vezes o teu nome, e hoje de manhã, ao acordar e ver em cima da mesa as coisas, peguei nas meias e beijei-as... Imagine agora a que fica reduzida uma criatura depois de anos de prisão se eu só com dois dias já estou assim.

Foi o primeiro contacto com o mundo externo, esse presente que V. m mandou. Que alegria imensa me causou! Foi o mesmo que receber a tua visita. (LOBATO, 1959, p.72)

Em outro trecho da mesma carta, Lobato lamenta não ter seguido (nem mesmo consultado) os conselhos da esposa. Que conselhos teriam sido estes? Quais seriam as opiniões de Purezinha que o levariam a um caminho diferente?

Só contarei o que é a vida em prisão. É a gente sozinho com o pensamento e nunca o pensamento trabalha tanto. Mas de tanto trabalhar acaba girando num círculo, isto é, volta sempre às mesmas coisas. Os pontos que formam o círculo do nosso pensamento, ou as estações em que o pensamento para, para pensar sempre a mesma coisa, são – 1º você. Penso em V. com uma ternura imensa e um imenso dó, e culpo-me de um milhão de coisas. Meu dever era só cuidar da tua felicidade, Purezinha, e, no entanto, passei a vida a te contrariar e a fazer asneiras que tanto nos estragaram a vida. Se eu tivesse ouvido em negócios, minha situação seria hoje de milionário. Não ouvi, nem sequer te consultei, e o resultado foi desastroso. Cheguei até à prisão! (LOBATO, 1959, p. 70).

Nesse período, o filho Edgar fica doente dos pulmões mais uma vez e Purezinha vai para Campos do Jordão cuidar do filho.

Em 1943, Edgar morre.

Nos meses seguintes, a família recebe a notícia de que o amigo Alarico Silveira havia falecido. Purezinha – também em luto – compartilha o sofrimento da amiga Elisa Silveira²⁶:

Purezinha, aqui ao meu lado, pede-me que inclua aqui os seus sentimentos de pêsames. Em sua dor de mãe Purezinha avalia muito bem uma dor de esposa. (Carta a Elisa Silveira, viúva de Alarico Silveira – S. Paulo, 6 mar. 1943 - LOBATO, 1959, pp. 96-97)

Em 1943, após a morte de Edgar, Lobato responde a carta da sobrinha Gulnara (viúva do filho) – que provavelmente estaria passando por dificuldades, para além do luto, e omite tal carta da esposa – para não lhe causar mais sofrimento. Talvez porque Purezinha quisesse interferir ou sentisse ainda mais a morte do filho, sabendo a falta que ele fazia para nora e o neto Rodrigo: “Não mostrarei sua carta à Purezinha para não agravar a aflição do aflito. Lá na editora cuidarei de obter novas traduções – você não perca o pé na José Olimpio. Andar a dois carrinhos é sábio”. (LOBATO, 1959, p. 113)

Em 1944, Lobato publica *A Barca de Gleyre*²⁷, que reúne as cartas que enviou ao amigo Rangel por mais de quarenta anos (1903 – 1944) e escreve a seguinte dedicatória:

Nesta casca de árvore quero escrever três nomes: o de Purezinha, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de Marjori, a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e que escrevem; e qual seria o terceiro, se não o de Ricardo o Inesquecível? (LOBATO, 1957, p. 15)

O escritor paulista dedica seu livro aos seus leitores (na figura de Marjori), ao seu amigo Ricardo, que havia praticado suicídio e a Purezinha que o acompanha sempre. É curiosa a cena composta por Lobato ao lado da esposa “a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro”, ela se contrapõe a outra imagem registrada nas *Cartas de Amor* em tempos de namoro:

²⁶ Elisa Silveira e seu esposo Alarico Silveira haviam passado temporada em Nova York com Monteiro Lobato e a família. Cf. LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

²⁷ A primeira edição de *A Barca de Gleyre* foi publicada em 1944, no entanto nos anos seguintes foram publicadas novas edições (1946 e 1948) com o acréscimo de novas cartas.

Que saudades, Purezinha, tenho!...Não do passado, mas do futuro. Já notou você que se pode também ter saudades do futuro? Tenho saudades da nossa vidinha de casados metidos numa casa que seja um ninho onde nós ambos cultivaremos, rindo, a planta da felicidade... Havemos de ter no quintal uma árvore grande cheia de orquídeas, com uma mesinha em baixo e duas cadeiras de balanço. Às tardes calmosas aí iremos depois do jantar, esperar o café – você vestida de um quimono japonês, eu de dólma branco – conversar, recordar. É dessas coisas, Purezinha, que eu tenho saudades, muito mais do que tudo que já se passou. E tu? também não anseias por esse tempo feliz? (LOBATO, 2011, p.23-24)

A expectativa do casal de namorados se contrapõe à realidade e a passagem dos anos. Se a carta de 1906 registra a esperança de uma vida calma e a imagem de uma mulher cercada por orquídeas em uma cadeira de balanço, quarenta anos depois, Lobato vê a esposa como uma companheira de jornada – uma mãe que perdera dois de seus filhos – e a saudade agora, não é mais do futuro, porém são tristes lembranças compartilhadas entre os dois.

Em 1946, Purezinha e a família mudam-se para a Argentina.

De Buenos Aires, Monteiro Lobato escreve para sobrinha Gulnara, contando das vantagens de estarem fora do Brasil, dentre elas a privacidade e a liberdade de não terem que se preocupar com muitos “amigos”, fãs e admiradores que aborreciam até Purezinha:

Mas a grande delícia disto é ver-me (e a Purezinha também) livre de mil “Amigos” e penetras e fãs, e admiradores e parasitas de toda ordem que já andavam abusando demais”. (Carta a Gulnara escrita de Buenos Aires em 7 set 1946 - LOBATO, 1959, p. 192).

Em 1947, decidem voltar para o Brasil, e em carta de 12 de fevereiro a Arthur Coelho, Monteiro Lobato lamenta ter que voltar a São Paulo não tendo uma casa própria, pois nunca tinha priorizado isto antes; acrescenta ainda que a língua e Purezinha são a razão para que voltassem ao país:

Os versos estão muito engenhosos, e sempre com uma pontinha de humor de sujeito de boa saúde, de felicidade no lar e com casa própria – coisa cuja falta me anda a fazer um grande mal, pois quero voltar para S. Paulo e não encontro casa. Minha política sempre foi não ter casa própria, para quando saísse do Brasil (velho sonho) não ter esse pretexto para voltar – e Purezinha e a Língua me forçam hoje a voltar, mesmo sem casa própria... (Carta a Coelho escrita de Buenos Aires em 12 fev. 1947 - LOBATO, 1959, p. 216)

Em 4 de julho de 1948, Purezinha fica viúva.

Uma das imagens de Purezinha que Lobato nos revela em suas cartas é a de uma Purezinha doméstica, se relacionando em família: mãe, esposa, amiga, filha; mas com certeza essa não é a única Purezinha que ele compõe.

Pelas mesmas lentes – a correspondência lobatiana – também conhecemos uma mulher instruída, bem educada e que assume posturas críticas: uma Purezinha intelectual.

3. PUREZINHA INTELLECTUAL

O teu *Animal Estranho* desdisse a má nota com que veio precedido. Foi gostadíssimo. Purezinha, que, como rato para queijo, não erra na escolha do melhor, leu-o e releu-o, e fez que mais gente em casa o lesse. No *Pollice Verso* a tua observação coincidiu com a dela: que está muito insistido naquele ponto das estrelas. Eu respeito os pareceres de Purezinha, porque é a única pessoa que quando não gosta diz “Não gosto – Não presta”. Os outros vem sempre com atenuações e panos quentes. Foi quem me revelou Camilo e é sinceríssima – E antes severa que benévola. Vai logo dizendo na cara: “Tire isto e mais isto. É asneira. E aqui está cumprido demais; corte”. E acerta sempre. (LOBATO, 1957, p. 147)

Como já se apontou, Maria da Pureza Natividade foi aluna do Curso Complementar da Capital.

Os registros que temos de sua vida escolar vem do Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos²⁸, Centro de Referência em Educação Mario Covas, Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (AHECC/CRE Mario Covas/EFAP/SEE-SP). Lá se encontra registro de sua matrícula em 1896, bem como um mapa de notas de sua turma e registro de seu diploma.

No cenário dos primeiros anos de formação de Purezinha, e de seu perfil letrado ganha especial significado, a página de um “Álbum de Recordações”, de sua colega do Caetano de Campos, Astéria Galvão Guimarães²⁹, a seguir, reproduzida³⁰:

²⁸ Centro de Referência em Educação Mario Covas, Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (AHECC/CRE Mario Covas/EFAP/SEE-SP).

²⁹ Muito embora não tenha sido possível identificar, nos documentos recolhidos no Caetano de Campos registro de Astéria Galvão Guimarães, a família informa que ela foi colega de Maria da Pureza no Caetano de Campos.

³⁰ O álbum cuja página reproduzimos acima pertence à bisneta de Astéria, Prof. Dra. Marília Sposito que o franqueou Marisa Lajolo.

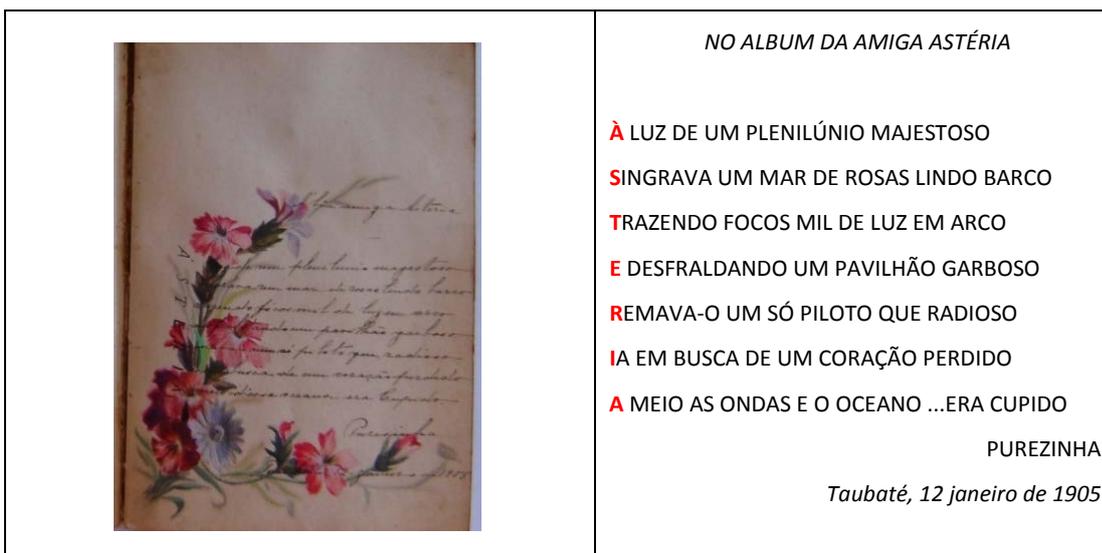


Figura 4: Reprodução de página do Álbum de Recordações de Astéria

Fonte: Arquivo pessoal da bisneta de Astéria, Profa. Dra. Marília Sposito – Imagem de Marisa Lajolo

A página reproduzida é sugestiva, pois destacam-se nela: a bela caligrafia de Purezinha, o desenho caprichado e a competência poética. No acróstico, os versos decassílabos rimam de forma primorosa e ostentam um vocabulário em que se destacam palavras nas quais ressoa um certo eco parnasiano: “plenilúnio”, “singrava”.

O poema foi escrito num dos antigos álbuns de recordações que se fazia na escola. Astéria teria sido colega de Purezinha. Na página há registro de a colaboração de Purezinha ter sido escrita em Taubaté.

Nos anos seguintes, entre 1906 e 1908, período que foi noiva de Monteiro Lobato, Purezinha – como já se registrou acima- trabalhava como professora na capital paulista. Lecionava no colégio de Miss Stafford – irlandesa que fundou um internato em Taubaté em 1889³¹. “Annie Stafford, antes da fundação do colégio já havia residido na cidade e foi preceptora de Etelvina, filha única do Comendador David Lopes da Silva Ramos – o Barão de Jambeiro”. (SILVA, 2008, p. 49).

³¹ Encontramos informações no Diário Oficial do Estado de São Paulo nº 82 (9 de abril de 1952) que o Colégio iniciou suas atividades em 1889, no entanto encontramos na tese “A laicização do ensino: Um debate na imprensa de Taubaté-SP acerca do novo modelo republicano de educação 1891- 1905” de Christiane Grace Guimarães da Silva, a indicação que o colégio foi fundado em 1891.

O Colégio Stafford funcionou em Taubaté de 1891 até 1893, quando foi transferido para a capital paulista, situado a Rua São João, n. 21 e continuou sob a direção da Miss. Stafford até o fim de 1908³².

Mas o trabalho de Purezinha como professora no Colégio Stafford dura só até seu casamento, quando ela se muda com o marido para Areias.

Ao longo do noivado, cartas que o noivo lhe envia constroem a imagem de uma leitora com a qual ele partilha livros e discussões sobre os mesmos.

Muitas vezes, a discussão tem por tópico obras do próprio Lobato, como ocorre em carta de 1906:

Na apreciação do conto que te enviei empregaste um torneio de frase de sentido dúbio que me intrigou. Na defesa que fazes das “boazinhas” acaso te defendes? (...) nunca no que eu escrever, revejas qualquer frase ou ideia alusiva a ti – e se o houver dir-to-ei. (LOBATO, 1969, p. 9)

Talvez se possa ler, no trecho acima, um tipo velado de censura a eventuais interpretações de Purezinha? Seriam tais interpretações dela uma projeção de seus valores /personalidade /identidade / experiências no que lia? No mesmo ano, parece que o noivo projeta valores / personalidade /identidade / experiências no que lê:

Ah, minha Purezinha! Só agora, só agora, depois da tua partida, é que senti o amargor duma separação e bem compreendi aqueles versos de Garrett sobre a saudade: “*Doce pungir de acerbo espinho*” (LOBATO, 1969, p. 21)

Esta identificação de um (pressuposto) modo de ler feminino com um (confessado) modo de ler masculino constrói uma identidade entre os noivos, que parece valorizar o estatuto intelectual de Purezinha que – pelo menos – precisa estar minimamente familiarizada com obras e personagens mencionados por Lobato.

Em 21 de novembro de 1906, a proposta do noivo ilustra a hipótese acima:

Perto, imitemos os pombinhos que arrulham fazendo roda; longe, sejamos Abelardo e Heloísa cuja correspondência³³ tem chegado até nós (LOBATO, 1969, p. 29)

³² Diário Oficial do Estado de São Paulo nº 82 (9 de abril de 1952). Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/4126703/pg-38-poder-executivo-parte-1-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-09-04-1952/pdfView?>>. Acesso em: mai. 2018.

Em carta de 15 de março de 1906, Lobato escreve a Rangel, destacando a leitura da noiva de seus textos, ao contrário de seu revisor.

Talvez coubesse à professora, sugerir ajustes e correções ortográficas de seus textos: “Perguntas se tenho leitores no Minarete. Talvez o Benjamim me leia – o revisor garanto que não. Em S. Paulo, Purezinha também me lê. Bem vêes que sou lido”. (LOBATO, 1957, p. 119)

Em carta de 1907, ao amigo Lobato sugere que organização e método são características próprias de Purezinha – especificamente tratando-se do casamento – organizando as ideias em papel e tinta. Tais características mostram-se fundamentais para o ofício da escrita e podem ter sido muito úteis no processo de criação lobatiano:

Reli as minhas cartas que mandaste. Que desordem, que incoerência, que instabilidade – no papel, na tinta, na letra, nas ideias... Isto me desanima. Quando me virá a cristalização definitiva? Tra-la-á o casamento, com a ordem e o método de Purezinha? (Carta de Areias, 1907 - LOBATO, 1957, p. 190)

Em 1908, no ano de seu casamento, Lobato compartilha a leitura de *Odisseia* com a noiva e na narrativa da carta assumem o papel das personagens protagonistas que lutam para se encontrar e concretizar seu amor novamente. Purezinha devia conhecer o enredo de Homero – e talvez, ao compará-la à doce Penélope que aguarda pacientemente pelo marido, enfrentando todas as dificuldades, Lobato tenta encorajar a noiva a esperar por mais alguns meses até o casamento:

Estou a ler Homero, na *Odisseia*. Vingo-me da chateza da vida areense passando o dia em plena Hélade, com Ulisses e Penélope e Mentor. Que grande coisa, a literatura! Sem ela minha vida aqui conduziria irremissivelmente ao suicídio. Aqui só casado e casado com uma Purezinha. [...] Adeus, minha adorada Penélope! Aceita um abraço bem apertado do teu desolado Ulisses. (Areias de 30 jan.1908 - LOBATO, 2011, pp. 167-168)

Já casada, Purezinha colabora com o trabalho do marido. Em carta de 10 de dezembro de 1908, Lobato revela a participação de Purezinha nas traduções que fazia. Será que ela participava em algo a mais?

³³ Correspondência que registra a história de amor medieval entre Abelardo e Heloisa. Cf. ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Magníficas as notas e muito prometedora o livro. Infelizmente a minha colaboração não sai; ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobre tudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha escreve, e assim vai rápido. Este mês deram-me 80\$000. (LOBATO, 1957, pp. 226-227)

A correspondência de Lobato indica que – além de ser voraz leitora – Purezinha participa e discute os textos de Lobato e amigos como Rangel: “O teu plano do louco está de arrepiar. Purezinha ficou horrorizada e sonhou. Acho-o ótimo, convenientemente podado e atenuado.” (Carta de Areias, 6 set. 1909 - LOBATO, 1957, pp. 269-270)

Purezinha teria se envolvido tanto com a personagem criada por Rangel que sonhou com o “louco” e – ao que parece – comentava e palpitava junto com o marido sobre a produção dos textos. Mas talvez, esses palpites não sejam aleatórios. No trecho a seguir, podemos elencar procedimentos de leitura dela, seguidos pelo seu envolvimento com os textos e até a criação de novas histórias partindo de eventos reais:

O Jack é bem o que dizes, o romance otimamente bem arquitetado, bem travado. Ótimo como modelo de fatura. Purezinha, que o leu, me viu no tipo de D’Argenton, e quando briga comigo me chama D’Argenton... Que tristeza, Rangel!... [...] Para o mês vou passar duas semanas em Taubaté e das notas que lá tenho extrairéi os tipos de observações aproveitáveis. Se não presto para desentranhar tipos, tenho em Purezinha uma perfeita mestra na arte. Ainda ontem ela me contava duma família de gente excessivamente acaipirada lá numa chácara em Taubaté, na qual só o pai, um velho de posses, tinha desembaraço e coragem de mostrar-se. Quando vinha alguma visita, as moças filhas do homem (solteironas) não apareciam na sala; o pai explicava que elas haviam acabado de sair daquele momento. Mas enquanto o velho conversava, a visita as pressentiam (eram três) a se revezarem num velho buraco de fechadura. E Purezinha desenvolve o tema: ‘O buraco já estava grande, gasto, e cada vez maior; por ele se via um olho inteiro e uma rodela na cara’. E enfeita: ‘A porta, de casa antiga, era curta, ficava a meio palmo da soleira e pela fresta viam-se pés – seis pés – pés que mudavam de posição, sôfregos e impacientes os de lado, e quietos, sem pressa, os que ficavam na linha vertical do buraco. // Purezinha começa com base num fato real e insensivelmente vai acrescentando apêndices lógicos que o frisam, com uma arte que me dá inveja”. (Carta de Areias, 23 out. 1909 - LOBATO, 1957. pp. 278-282)

Mas os interesses de Purezinha ultrapassavam os textos escritos – ela tocava piano por exemplo – e se interessava também por outras linguagens. Em carta de 7 de fevereiro de 1912, Lobato conta a Rangel como a esposa andava a aprender grego:

Por falar em galinha: estou de avicultor novo, um grego legítimo, contratado no Rio. É da ilha de Tinos e recém-chegou do Acre. Para valorizar minhas Leghornes dou-o como descendente bastardo de Homero. Purezinha vive a perguntar-lhe como é em grego isto e aquilo, e vai formando vocabulário”. (LOBATO, 1957, p. 325)

Casada com Monteiro Lobato, Purezinha continua lendo textos do marido e de amigos dele, palpitando e corrigindo com a crítica aguçada de professora, dizendo de textos que gosta ou não; de textos que prestam ou não. Em carta de 21 de julho de 1917, por exemplo, Lobato compartilha com o amigo Rangel as críticas da esposa sobre o texto do amigo:

O teu *Animal Estranho* desdisse a má nota com que veio precedido. Foi gostadíssimo. Purezinha, que, como rato para queijo, não erra na escolha do melhor, leu-o e releu-o, e fez que mais gente em casa o lesse. No *Pollice Verso* a tua observação coincidiu com a dela: que está muito insistido naquele ponto das estrelas. Eu respeito os pareceres de Purezinha, porque é a única pessoa que quando não gosta diz “Não gosto – Não presta”. Os outros vem sempre com atenuações e panos quentes. Foi quem me revelou Camilo e é sinceríssima – E antes severa que benévola. Vai logo dizendo na cara: “Tire isto e mais isto. É asneira. E aqui está cumprido demais; corte”. E acerta sempre. (LOBATO, 1957, p. 147)

O conto “Animal estranho” de Godofredo Rangel foi publicado posteriormente na *Revista do Brasil* (número 98 - fevereiro de 1924)³⁴. Purezinha gostou do conto, compartilhando ainda sua leitura com a família atuou como uma primeira crítica do texto, depois como uma difusora dele – o que talvez tenha contribuído para a publicação do texto alguns anos depois na revista dirigida pelo marido. Em 1944, o conto foi publicado no livro *Os Humildes*, pela Editora Universitária, de São Paulo, com prefácio de Monteiro Lobato.³⁵

O conto “Pollice Verso” mencionado na carta, é um texto de Lobato, publicado em seu primeiro livro *Urupês* (1918). Segundo a mensagem para Rangel, Purezinha comentou o conto, antes mesmo de sua publicação, uma vez que a carta é datada de 21 de julho de 1917. O trecho mencionado é o seguinte:

³⁴ SPAGNOLI. Camila Russo de Almeida. “Godofredo Rangel e a Revista do Brasil: (re)descobrimo o escritor e sua obra”. Anais do III Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira FFLCH-USP, São Paulo, março de 2017.

³⁵ Cf. Godofredo Rangel. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Godofredo_Rangel>. Acesso em: mai. 2018.

Yvonne voltara a pátria, deixando cá a meia dúzia de amantes que depararam a morrerem de saudades de seus encantos. Antes de ir-se deu a cada parvo uma estrelinha do céu, para que, a tantas, se encontrassem nela os amorosos olhares. Os seis idiotas todas as noites ferravam os olhos, um no “Taureau” (ela distribuiu as constelações em francês), outro na “Écrevisse”, outro na “Chevelure de Bérenice”, o quarto no “Bélier”, o quinto em “Antares” e o derradeiro na “Épi de la Vierge”. // A garota morria de rir no colo dum apache monmartrino, contando-lhe a história de seis parvos brasileiros e de seis constelações respectivas. Liam juntos as seis cartas recebidas a cada vapor, nas quais os protestos amorosos em temperatura de ebulição faziam perdoar a ingramaticalidade do francês antártico. E respondiam de colaboração, em cada carta circular, onde só variava o nome da estrela e o endereço.

É curioso perceber que o trecho destacado por Lobato trata de uma francesa que engana brasileiros parvos, dando-lhes de presente as constelações. É apresentada mais uma vez a figura de uma mulher inteligente – não a que lê como em *Maria Moisés*, mas a que usa de sua feminilidade para conseguir o que quer.

Nas cartas trocadas com Rangel, o perfil intelectual de Purezinha também se manifesta nos comentários de Lobato relativos às leituras da esposa e o gosto dela pelas narrativas de Camilo Castelo Branco, em especial pela construção das cenas:

O que acentuas de Camilo, já o notou Purezinha. Ela gosta de vê-lo surgir por entre os personagens. Isso encanta-me a mim também – essa coragem de pôr-se de pé dentro do livro e mostrar-se, conversar com o leitor. Há os cuidadosamente objetivos, como Flaubert, que só fazem falar aos personagens, nunca aparecem em cena, fingem que não existem. Camilo existe, faz questão de que saibam que ele existe e está sempre presente em tudo quanto escreve. Veja este pedacinho de *Maria Moisés*: 'O tonsurado entreabriu um sorriso de forçada complacência e não deu asa a que espírito forte abrisse a válvula de sarcasmo, por causa dos quais havia sido expulso dum convento graciano onde noviciava, e também porque sabia francês e lia o *Citador de Pigault Lebrun* e chamava a carneira da Revolução Francesa a grande operação de catarata social. Dizia coisas como os socialistas de hoje, que estão a chocar o ovo de uma coisa pior, que há de ser o socialismo de amanhã'. Nesta frase está inteiro o Camilo de que Purezinha gosta – o que não resiste e pula em cena. (Carta da Fazenda, 10 jul. 1916. LOBATO, 1957, p. 98)

Lobato observa que Purezinha se encanta com o estilo de Camilo Castelo Branco, escritor português – o que chama de “surgir por entre as personagens” e Lobato completa com “essa coragem de pôr-se de pé dentro do livro e mostrar-se, conversar com o leitor” que tem sua forma original de apresentar as cenas, o fazendo sempre considerando seus leitores.

Ao destacar a frase, onde segundo ele pode-se perceber as características do autor português que Purezinha tanto admira, Lobato faz referência a outra obra *O Citador* (1803) de Pigault Lebrun (1753- 1835) romancista e dramaturgo francês. O texto de Lebrun reúne várias citações, em grande parte de Voltaire, com comentários de Pigault criticando o cristianismo. *O citador* foi censurado na época da Restauração Francesa (1814 a 1830), no entanto teve muitas reimpressões após esse período³⁶.

O romance *Maria Moisés*³⁷ narra a história de um amor proibido que dá fruto: uma menina que acidentalmente é jogada no rio, e - quando tenta salvá-la - sua mãe morre. O trecho destacado por Lobato revela a fala do padre Beto, no começo do livro, quando apresenta Josefa, mãe de Maria Moisés, que acabara de morrer. Apresenta-a como uma mulher que fora possuída por um demônio, não um espírito imundo, mas sim um que a fazia ler autores como Lebrun e interessar-se por causas como a Revolução Francesa e o Socialismo.

Quando Lobato destaca do trecho acima como “Nesta frase está inteiro o Camilo de que Purezinha gosta”, ele constrói a imagem de uma mulher erudita que conhece e se diverte com a ironia do escritor português.

Purezinha não lia apenas por prazer de ver os personagens sendo construídos, era uma leitora que lia tanto Camilo Castelo Branco quanto contos infantis para seus filhos, o que acabou influenciando o trabalho de seu marido.

Não apenas isso, mas acompanhava de perto a obra do marido. A carta de 22 de novembro de 1914, escrita por Lobato a Rangel, nos revela leitores críticos frente aos textos publicados por Lobato:

Publiquei a semana passada um artigo no Estado e, com surpresa, recebi a propósito cinco cartas e um convite da Sociedade de Cultura artística de S. Paulo para fazer uma conferência lá. Em vez disso, eu e minha mulher fomos ler o tal artigo, cheios de vontade de gostar – e nada vimos que provocasse o entusiasmo dos paulistas. (LOBATO, 1957, pp. 365-366)

Em outra carta, de 30 de junho de 1915, Purezinha é apresentada pelo marido como uma crítica literária com “o faro estético mais fino” que o dele, pois consegue perceber “falhas” no texto como ocorreu com a leitura de Aluísio de Azevedo:

³⁶ Cf. Pigault-Lebrun. Disponível em: <<https://fr.wikipedia.org/wiki/Pigault-Lebrun>>.

³⁷ Uma das oito histórias que compõe o livro *Novelas do Minho* (1877).

Cá espero a *Vida Ociosa*. Purezinha tem faro estético mais fino que o meu e fa-la-ei ler também – e o que ela disser, é! Ontem abriu a *Casa de Pensão* do Aluisio e logo depois a largou por haver encontrado, na descrição dum mocinho, que “grossa cadeia de ouro pendia-lhe do ventre”. Com essa cadeia e esse ventre envelhecessem o moço, ela fechou a casa de pensão para evitar maiores calotes. (LOBATO, 1957, p. 38)

Na carta seguinte a Rangel, Lobato mais uma vez louva o senso estético da esposa e a descreve como “exigentíssima” e “incorruptível” em suas leituras. Mas se ela mantinha tamanho rigor em suas leituras, quais seriam seus comentários sobre a obra do marido?

A carta que mandei ontem não se referia ao último capítulo, que é de fato uma excrescência. Deves aproveitá-lo para um conto, porque o livro acaba maravilhosamente no penúltimo capítulo. Lemos o teu manuscrito ontem, eu, o Ricardo, o Adalgiso Pereira. Grande entusiasmo. Aclamamos-te o Dickens do romance nacional. // É indispensável que apareças, já, já em letra de forma, Rangel! Conquistas tudo de pancada. Vamos dar um capítulo, o penúltimo, em rodapé no estadinho, sem consentimento teu. Purezinha também gostou e louvou – ela é exigentíssima e incorruptível. Tem aquele faro infalível de cozinheira³⁸ de Molière. (Carta de São Paulo, 4 ago. 1915 - LOBATO, 1957, p. 45)

O projeto de literatura infantil de Monteiro Lobato surgiu alguns anos antes de sua grande expansão editorial. Em carta a Godofredo Rangel, de 8 de setembro de 1916, Lobato compartilha com o amigo sua intenção de escrever para as crianças depois que percebe Purezinha contando as fábulas de Esopo e La Fontaine a seus filhos:

Guardo as tuas notas sobre Malazarte. Um dia talvez aborde esse tema. Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas na memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler?

³⁸ A cozinheira da obra de Molière a que Monteiro Lobato teria se referido pode ser Martine da peça *Les Femmes Savantes* (1672). Lobato também faz referência a cozinheira de Molière no conto “O Resto de Onça” publicado em *Cidades Mortas* (1919).

Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. (LOBATO, 1957, p. 104)

Em 1916, quando escreveu a carta ao amigo, os filhos eram crianças: Martha com sete anos, Edgar com seis, Guilherme com quatro e Ruth era bebê. A família morava na fazenda e é provável que ao ler as histórias para os filhos, Purezinha as adaptasse e tirasse os espinhos das traduções portuguesas que havia disponíveis – e quem sabe as trazia para o cotidiano que as crianças conheciam: o sítio. Como Purezinha contava essas histórias para as crianças não sabemos, mas sabemos que observando a esposa e os filhos em sua experiência de leitura, Lobato criou um mundo de livros para meninos e meninas.

Mais uma vez, em carta de 25 de setembro de 1924, Lobato registra a participação de Purezinha em seu trabalho. Ela lê suas provas com o rigor de costume. Seria muito interessante se em originais de trabalho de Lobato, encontrássemos notas marginais dela:

Já conclui a semi-desacralização do Bernadim Ribeiro, mas coisa tão leve que o leitor nem sente. Nada se perdeu da ingenuidade daquele homem. De ilegível que era, ficou delicioso de ler-se. Fiz a experiência ontem em casa, com as provas. Purezinha, sempre tão exigente, leu-o e com encanto. Só agora, Rangel, vai o Bernadim popularizar-se no Brasil. (LOBATO, 1957, pp. 268-269)

Alguns anos mais tarde, já morando nos Estados Unidos, Lobato registra em carta ao menino Alarico da Silveira Jr (filho de seu amigo Alarico Silveira) uma cena do cotidiano da família, em que todos liam ou escreviam – talvez para incentivar a criança à leitura. Na carta, Lobato conta que a esposa lia o jornal “Evening graphich”, a filha um livro infantil *Alice in Wonderland*, enquanto ele escreve a carta.

O jornal que Purezinha lia era tabloide que circulou em Nova Iorque entre os anos de 1924 e 1932, focalizando temas cotidianos e com as notícias dadas em primeira pessoa; era famoso pelas “composographs” (fotos montadas que ilustravam as histórias)³⁹. Purezinha continuava lendo e agora lia em inglês:

³⁹ Informações disponíveis em “The New York Evening Graphich”: <<http://www.bernarmacfadden.com/graphic/index.html>>. e New York Graphic <https://en.wikipedia.org/wiki/New_York_Graphic> Acesso em: mai 2018.

Adeus, meu caro. Dê um abraço em Papai e outro em Mamãe mandado pela Senhora Dona Purezinha, que neste momento está diante de mim, na mesa de jantar, lendo um jornalzinho chamado “Evening grafich”. A Rute está do outro lado lendo ‘Alice in Wonderland’, um livro muito engraçado, e também manda lembranças para todos. (Carta a Alarico da Silveira Jr escrita de *New York* com data de 24 jan. 1929 - LOBATO, 1959, p. 275)

Mais adiante, em 30 de julho de 1947, Lobato escreve à sobrinha Gulnara sobre o novo projeto editorial da família em que as mulheres da casa estão empenhadas: um livro de palavras cruzadas⁴⁰:

A mania agora é a Palavra Cruzada. Rute e Marta palavraram na editora a publicação de um livro com 100 problemas, e estão a organizá-los. A família não cuida de outra coisa – até Purezinha e até eu sempre que posso. É uma ocupação apaixonante. (LOBATO, 1959, pp. 204-205)

Gulnara Lobato de Moraes era sobrinha e nora de Purezinha – filha de Ester (irmã de Lobato) e casada com Edgar Monteiro Lobato (1910 – 1943), filho do casal. Com a doença e morte precoce (aos 32 anos,) do esposo ela recebe ajuda do tio Monteiro Lobato que a incentiva a trabalhar com revisões e traduções de textos. Entre os textos traduzidos por Gulnara está: *The life of Greece* de William Durant.

Outro fato interessante sobre as leituras de Purezinha é que – como aponta Camila Spagnoli em sua dissertação *Monteiro Lobato, o leitor*⁴¹ – no acervo de livros doado pela família do escritor à Biblioteca Infantil Monteiro e no Fundo Monteiro Lobato no CEDAE/Unicamp encontram-se títulos com dedicatória para Purezinha, além de exemplares com anotações marginais dela, o que nos sugere que ela tinha participação (em maior ou menor grau) na vida do escritor:

a) *A arte de comer bem* (1933) de Rosa Maria, com dedicatória de Gulnara a Purezinha (FML/CEEDAE/Unicamp)

Isabel Maria Mendes Ribeiro Drumond Braga e Maria Cecília Barreto Amorim Pilla no artigo “Rosa Maria para a elite, Rosa Maria para o povo: culinária brasileira e culinária

⁴⁰ No Fundo Monteiro Lobato na Unicamp encontram-se disponíveis dois exemplares do livro de palavras cruzadas. Cf. CAMPOS, M. Lobato. *Palavras Cruzadas*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

⁴¹ SPAGNOLI, C.R.A. *Monteiro Lobato, o leitor*. (Dissertação de Mestrado). Orientação: Telê Ancona Lopez. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

portuguesa na primeira metade do século XX⁴²” informam que Rosa Maria era o pseudônimo de Marieta de Oliveira Leonardos, membro de uma família de elite brasileira publicou *Arte de comer bem* em 1931. Mais adiante, elas acrescentam:

No ano de 1953, na sua vigésima primeira edição, já havia vendido mais de 100 mil exemplares e o livro tinha dobrado praticamente o seu tamanho, chegando quase a 800 páginas [...] A primeira edição de *Arte de comer bem* foi publicada pela editora Officina Industrial Graphica, localizada na rua da Misericórdia número 74 na cidade do Rio de Janeiro. Foi apresentada em capa dura e sem ilustrações e podia ser encontrada à venda na mesma cidade, na Livraria Quaresma,¹⁵ que foi sua depositária. No ano de 1933, o livro lançou a segunda e a terceira edições já ampliadas e com capa ilustrada como as da figura abaixo, imagem que acompanhou todas as suas edições até à década de 1950 (BRAGA; PILA, 2018, pp. 5-6)

O livro depositado no Cedae tem dedicatória da sobrinha Gulnara a Purezinha:

"Da Gulnara para D. Purezinha com os seus respeitos. (a) Gu Lara [sic]. S. Paulo. 8/7/34".

O presente com data de julho de 1934, o livro *A Arte de comer bem* de Rosa Maria, aponta para uma Purezinha doméstica que gostava de cozinhar, já que ela mesma tinha seu livro de receitas⁴³.

b) Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1895 – 1915) V. 1, 2, 7, 15, 18, 19, 20 – com anotações de Purezinha (BIML):

⁴² Cf. BRAGA, I. M. M. R. D; PILLA, C.B.A.P. *Rosa Maria para a elite, Rosa Maria para o povo: culinária brasileira e culinário portuguesa na primeira metade do século XX*. Rev. hist. (São Paulo), n.177, a03217, 2018 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2018.133293>.

⁴³ No acervo do Cedae/Unicamp há depositado um livro de receitas manuscrito com o título “Caderno de receitas de D. Purezinha Monteiro Lobato”, este caderno foi editado recentemente pela editora Senac. Cf. CAMARGOS, Marcia; Saccheta, Vladimir. *A mesa com Lobato*. São Paulo: Senac, 2008.

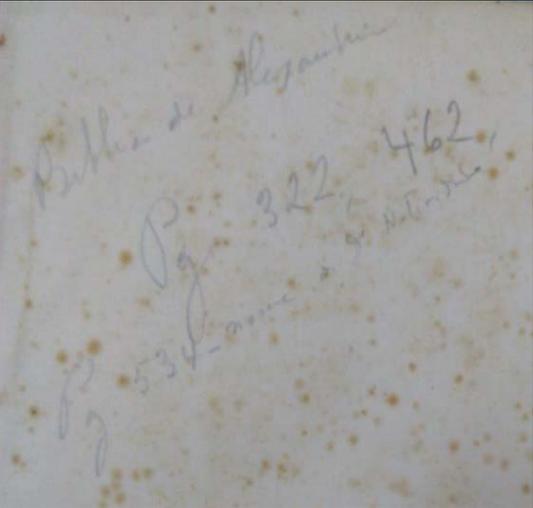
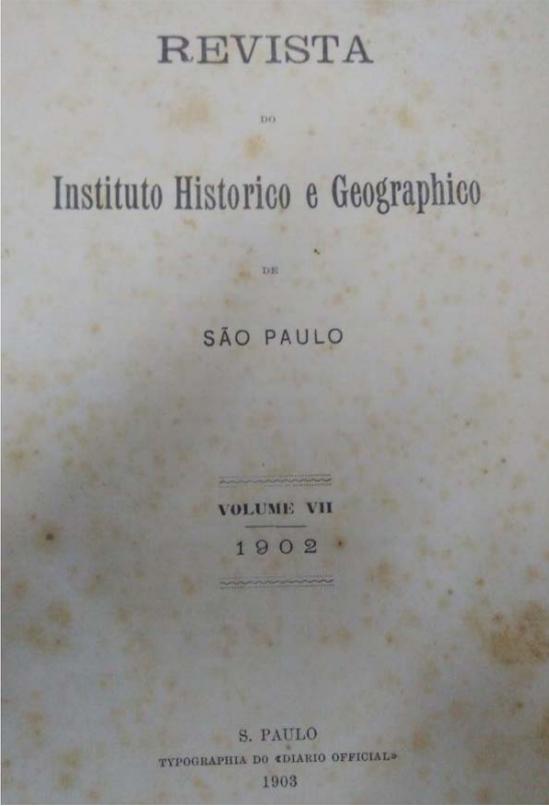
	<p>[Nota marginal registrada no verso da folha de rosto da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo]</p> <p>Bíblia de Alexandria</p> <p>Pg. 322, 462</p> <p>Pg. 534 – nome os D. Natividade</p>
	<p style="text-align: center;">— 462 —</p> <p>Matheus, do marechal Candido Xavier e do ouvidor José Corrêa Pacheco e Silva, e os ytuanos depuzeram as armas, mandando uma guarda de confiança ao Príncipe, que, tendo desempenhado a sua missão a contento dos paulistas, desceu no dia 5 de Setembro a Santos, onde foi examinar o estado das fortalezas, visitar a casa onde nascera Andrada, que allí residiam.</p> <p>Na madrugada de 7 de Setembro partiu D. Pedro de Santos para esta capital, acompanhado do seguinte pessoal e guarda de honra, cujos nomes convem conservar:— Joaquim Maria Gama Freitas Berquó, João de Carvalho Raposo, João Carlota, Francisco Gomes da Silva, coronel Gama Lobo, capitão Manoel Marcondes de Oliveira Mello, sargento-mór Domingos Marcondes de Andrade, tenente Francisco Bueno Garcia Leine, Miguel de Godoy Moreira e Costa, Manoel de Godoy Moreira, Adriano Gomes Vieira de Almeida, Manoel Ribeiro do Amaral, Antonio Marcondes de Mello, Bento Corrêa Salgado, Francisco Xavier de Almeida, Vicente da Costa Braga, Fernando Gomes Nogueira, Rodrigo Gomes Nogueira, João José Lopes, Bento Vieira de Moura, Flavio Antonio de Andrade, Salvador Leite Ferraz, Custodio Leite Barbosa, José Monteiro dos Santos, João Ferreira de Souza, Cassiano Gomes Nogueira, Floriano de Sá Rios, Antonio Pereira Leite, Joaquim José de Souza Breves, David Comes Jardim, José da Rocha Corrêa, Antonio Luiz da Cunha e Eleuterio Velho Bezerra.</p> <p>Pelas 3 horas da tarde havia o Príncipe alcançado o lugar chamado <i>Os Meninos</i>, poucos metros além do alto da collina do Ypiranga, e, fazendo allí uma parada, aconselhada pelo seu estado physiologico, guardou consigo os cidadãos Freitas Berquó, João Carlota, João de Carvalho e Gomes da Silva e ordenou que o resto da sua comitiva seguisse e viesse esperal-o na entrada da cidade. Esta comitiva subiu a collina e, descendo ao ribeirão do Ypiranga, resolveu descançar na sua margem esquerda, dar agua aos animaes e esperar o Príncipe em uma casa proxima, que então pertencia ao alferes Joaquim Antonio Mariano.</p> <p>Entretanto, continuavam as Côrtes de Lisboa a legislar contra os interesses do Brasil e a enviar ao governo do Rio de Janeiro ordens impertinentes que, tornadas publicas, irritavam o animo nacional e fortaleciam cada vez mais no espirito publico a convicção de que a independencia seria a unica solução possivel da guerra iniciada pela Côrtes contra o Brasil.</p> <p>Na tarde de 7 de Setembro chegaram a S. Paulo dous proprios, vindos do Rio de Janeiro e trazendo novos despachos do</p> <p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Todos nossos parentes</p> <p>Todos nossos parentes</p>

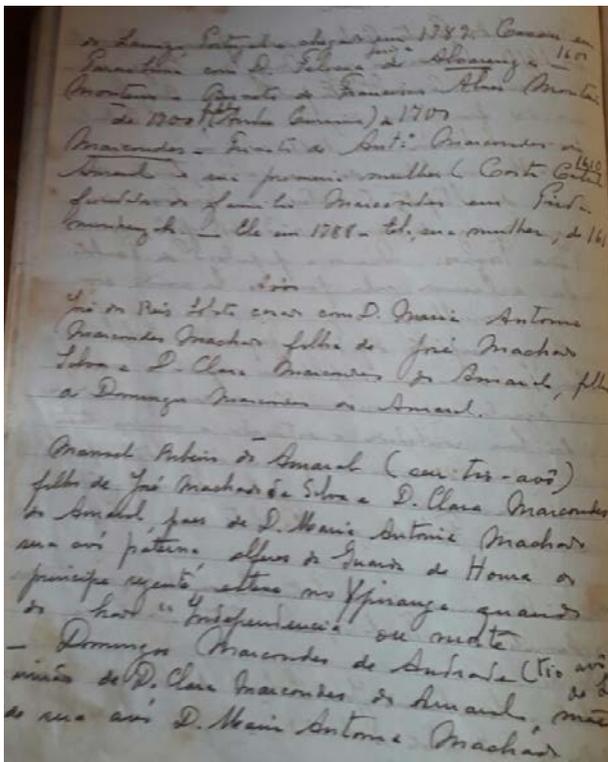
Figura 5 Páginas da Revista do Instituto Histórico Geographico com anotações marginais de Purezinha

Fonte: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato

É curioso notar que as informações destacadas por Purezinha nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geographico – que tratam da ascendência de sua família e da família de Lobato – assinaladas como “todos nossos parentes”, também são

encontradas nas páginas do Caderno de Anotações ⁴⁴ de Purezinha, depositado no Documento disponível em Arquivo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH - Universidade de Taubaté – Unitau. Fundo Monteiro Lobato.

A leitura da revista, bem como as anotações de Purezinha podem sugerir que ela estava organizando árvore genealógica de sua família e uma possível biografia de Lobato, pois nas páginas seguintes do Caderno de Anotações ela seleciona e reproduz trechos de cartas e os episódios que ela julga de importância na vida do marido como nascimento, vida escolar, primeiro júri que participou, entre outros. Ela apresenta também parentes de Monteiro Lobato que estariam presentes na proclamação da Independência do Brasil:



de Lamego, Portugal e chegado em 1789. Casou em <1600> /

Paraibuna com D. Felicia Luiza de Alvarenga / Monteiro - Bisneto de Francisco Alves Montei / de 1700, <filho> (Andre Cursino) de 1700 / Marcondes - Trineto de Antº Marcondes do / Amaral e sua primeira mulher (Costa Cabral <1610>) / fundador da familia Marcondes em Pinda / monhangaba - Ele em 1788 - Ela, sua mulher, de 1610 / Avós /

José dos Reis Lobato casado com D. Maria Antonia / (Marcondes Machado filha de José Machado / Silva e D. Clara Marcondes do Amaral, filha / de Domingps Marcondes do Amaral / - Manoel Ribeiro do Amaral (seu tio-avô) / filho de José Machado da Silva e D. Clara Marcondes / do Amaral, paes de D. Maria Antonia Machado / sua avó paterna, alferes da Guarda de Honra do /principe regente esteve no Ypiranga quando /do brado "Independência ou morte" /

Domingos Marcondes de Andrade <tio avô de L. / irmão de D. Clara Marcondes do Amaral, mãe / de sua avó D. Maria Antonia Machado //

⁴⁴ Temos as imagens do Caderno de Purezinha, no entanto não houve tempo para sua transcrição, por isso apresentamos pequeno trecho de forma parcial com a transcrição de Lia Prado Mariotto, gentilmente disponibilizada por Osni Lourenço Cruz.

	<p>tambem presente no dia do brado do Ypiranga / - José dos Reis Lobato, capitão da guarda de honra /</p> <p>Um tio irmão de seu pai Jose Octaviano Marcondes / Lobato, fazendeiro e intendente em 1891 em / Pinda./</p> <p>Meu tataravô e o de M. L. eram o mesmo Sargento / Mór Manuel de Moura Fialho e Anna Mar / condes de Oliveira, casados em 1827 / Descendia M. L. <por um lado > dos Costa-Cabrais. Ele, Manoel da Costa Cabral chegado em 1610 e casado com D. Francisca / Cardoso neta paterna de Braz Cardoso um dos fundadores / de Mogy das Cruzes / Pelo lado paterno <u>Marcondes</u>:- era seu tetravô, Antº / Marcondes do Amaral fundador da família <u>Marcondes</u> / chegado em 1788, casado com D. Magdalena Cardoso / (Costa Cabral) 1600 / <u>Lobato</u>. Seu bisavô José Lobato de Moura e silva / chegou em 1789 casando-se em Paraibuna com D. Felicia Luiza de <u>Alvarenga</u> (Alvarenga, 1600 de / Antº Pedroso de Alvarenga (bandeirante 1618) //</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 6: Páginas do Caderno de Anotações de Purezinha com transcrição de Lia Prado Mariotto

Fonte: CDPH – Unitau

c) *Destino dos deuses* (1941) de Gabriel Tondella com dedicatória do autor a Purezinha. (BIML)

Gabriel Tondella era professor, publicou os livros *Destino dos Deuses* (1941), *Sangue da terra: evocação de Monteiro Lobato* (1949) e o livro de poesia *Luz escura*. Em 1950, escreveu dedicatória a Purezinha no livro *Destino dos Deuses*.

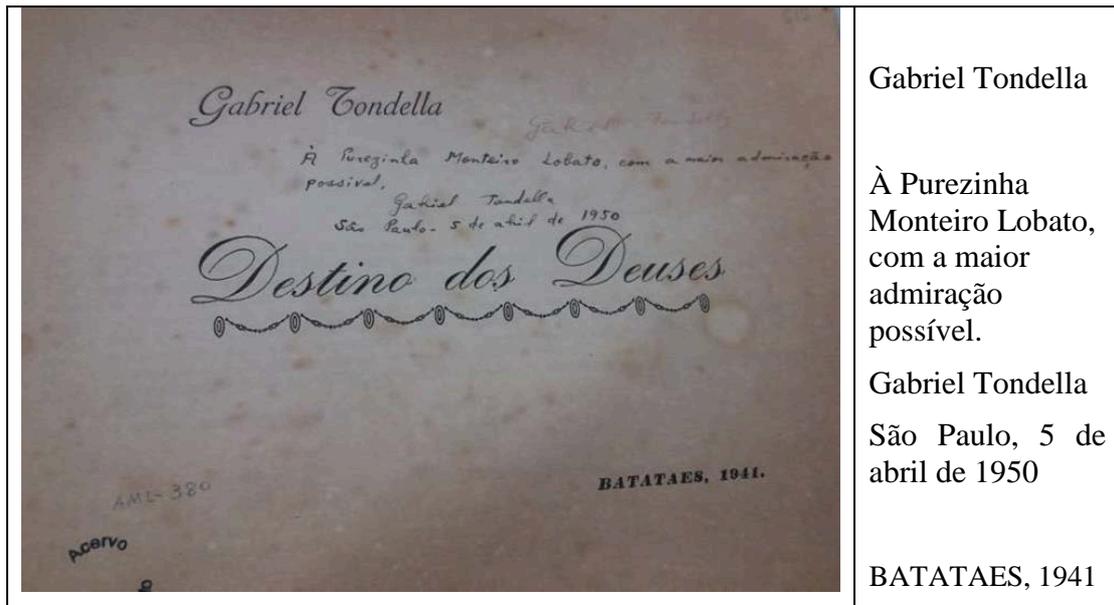


Figura 7: Dedicatória de Gabriel Tondella à Purezinha em exemplar do livro Destino dos Deus

Fonte: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato

Além da dedicatória no livro de Gabriel Tondella, identificamos cartas de Purezinha trocadas com o autor, as quais nos apontam para um terceiro perfil dela: a mulher que gerencia a circulação das obras e a imagem de Lobato após 1948.

4. PUREZINHA GERENCIA A CIRCULAÇÃO DAS OBRAS E A IMAGEM DE LOBATO APÓS 1948

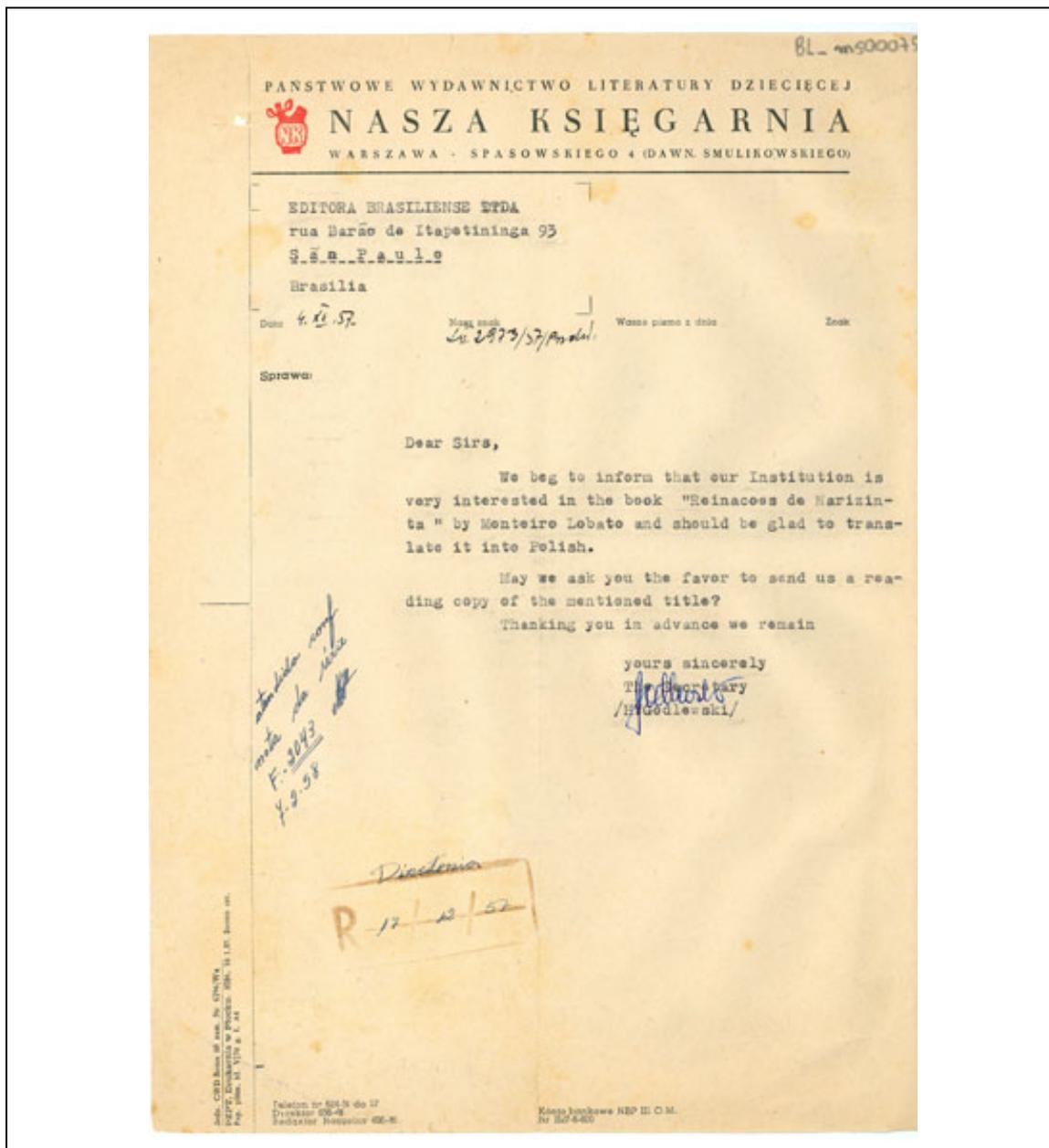
A vida da Purezinha e de Lobato mudou muito durante os quarenta anos de casamento (1908 – 1948): ela o acompanhou para todos os lugares a que ele foi, o ajudou e participou de muitos de seus projetos.

A construção que propomos de uma certa imagem de Maria da Pureza Monteiro Lobato precisa levar em conta que nessa época, a mulher não devia ser forte demais, pronunciar-se publicamente, e sim ficar por trás dos bastidores, pois o marido era o alvo das atenções. Purezinha, apesar de companheira de Lobato, se mantinha quase sempre no anonimato e foi assim até a morte do marido, quando – então – passou a gerenciar a carreira dele como sua herdeira, ao lado de Ruth, a filha caçula do casal.

Esse papel assumido por Purezinha após a morte de Lobato pode ser entendido em duas frentes: gerenciando a circulação de obras do marido (novas edições, traduções, direitos autorais); e apoiando iniciativas que homenageavam a memória de Monteiro Lobato – como a criação da Semana Monteiro Lobato em Taubaté.

Este terceiro perfil de Purezinha pode ser depreendido do acervo do escritor de *Urupês* depositado no CEDAE – Unicamp, onde encontramos cartas enviadas à Purezinha solicitando a permissão da publicação ou tradução da obra do marido Monteiro Lobato depois de seu falecimento; e de cartas que Purezinha enviou a intelectuais em Taubaté (CDPH – Unitau), comentando aspectos da organização da Semana Monteiro Lobato, evento de homenagem póstuma ao marido.

A carta a seguir de 11 de abril de 1957, enviada pela editora NASZA KSIEGARNIA à editora Brasiliense, solicita a permissão para traduzir *A menina do Narizinho Arrebitado* para o polonês bem como envio de “reading copy”. Nota manuscrita à margem informa que a solicitação foi atendida.



Dears Srs,
 We beg to inform that our Institution is very interested in the book “Reinacoes de Narizinta” by Monteiro Lobato and should be glad to translate it into Polish.
 May we ask you the favor to send us a readying copy of the mentioned title?
 Thank you in advance we remain.
 Your sincerely
 Atendida conforme nota da ultim.
 F. 2043 / J. 2.58 / D[...] / R 17/12/57

Prezados senhores,
 Pedimos informar que nossa instituição está muito interessada no livro “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato e teria prazer em traduzi-lo para o Polonês. Podemos solicitar o envio de uma cópia (reading copy) do referido livro? Agradecendo antecipadamente, subscrevemo-nos atenciosamente.
 Atendida conforme nota da ultim.
 F. 2043 / J. 2.58 / D[...] / R 17/12/57

Figura 8: Carta enviada pela editora NASZA KSIĘGARNIA à editora Brasiliense solicitando a permissão para traduzir A menina do Narizinho Arrebitado

O livro foi efetivamente traduzido. Encontramos exemplar disponível⁴⁵ no Instituto Monteiro Lobato em Taubaté. Ele tem o título: *Przygody Narizini Czyli: Zdarłego Noska* e foi publicado em Varsóvia pelo Instytut Wydawniczy “Nasza Księgarnia”.

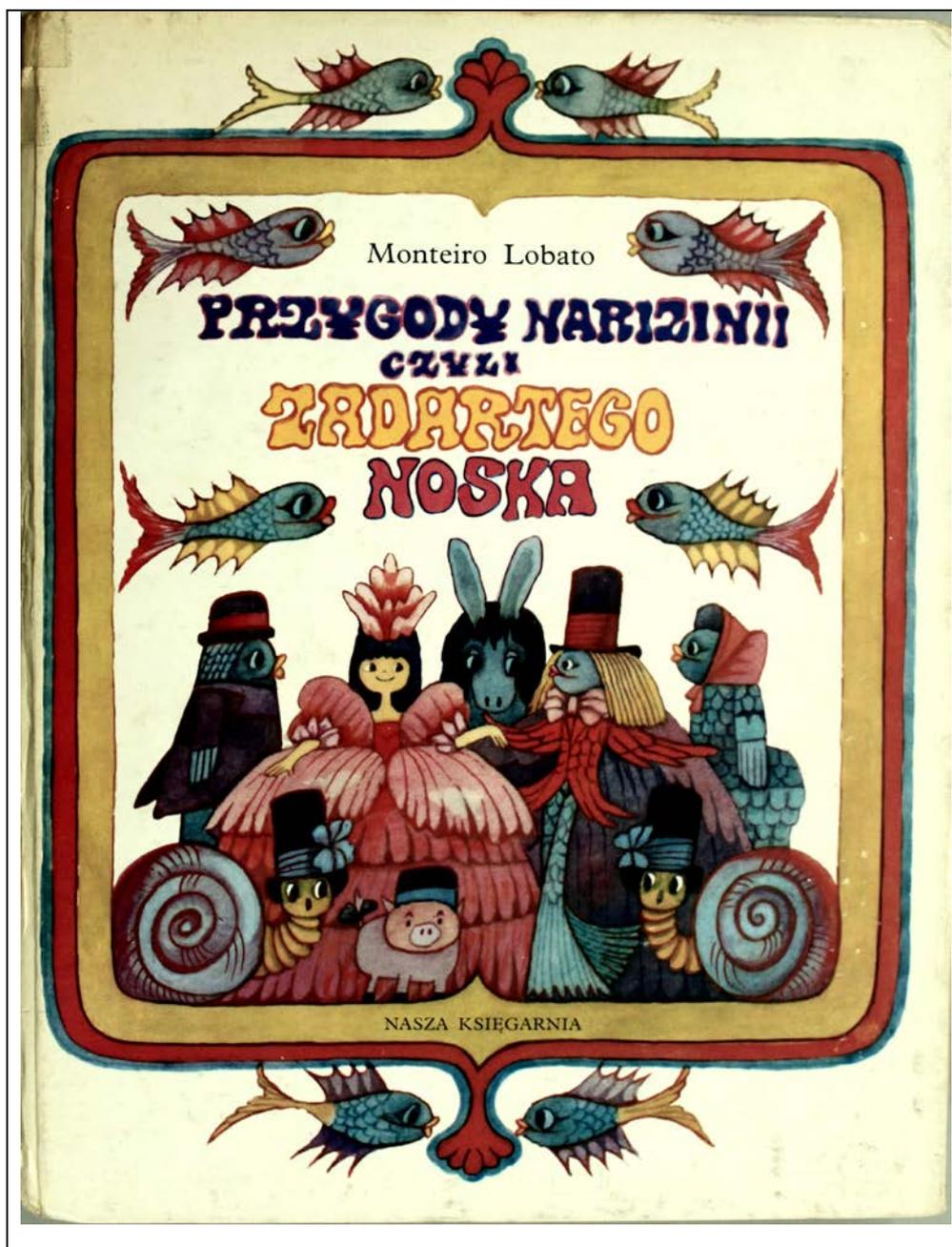


Figura 9: Reprodução da capa da tradução de *A menina do Narizinho Arrebitado* em polonês

Fonte: Instituto Monteiro Lobato

⁴⁵Instituto Monteiro Lobato. Disponível em: <<http://biblioteca.ieml.org.br/index.php?module=gnuteca3&action=main:search:simpleSearch>>. Acesso em: jun. 2018.

A carta citada, dirigida à editora Brasiliense (detentora dos direitos autorais de Monteiro Lobato até 1996) foi provavelmente encaminhada à família, já que se encontra no CEDAE da Unicamp, cujo acervo lobatiano foi para lá encaminhado pela família.

Outra carta com data de setembro de 1959 é endereçada diretamente à viúva. Nela, Franca Maffei Ascarelli solicita a autorização de Dona Purezinha para duas traduções de livros de Monteiro Lobato, *Viagem ao céu* (1932) e o *Minotauro* (1939):

BL-ms00083

Roma, 12 de setembro de 1959

Prezada Senhora

Mesmo não tendo mais a autorização para traduzir as obras infantis de seu marido, continuei a procurar un editor que se mostrasse interessado na edição desses livros.

Presentemente escrevi ao editor Macmillan, que se mostrou muito interessado no assunto.

V.Sia. poderia renovar a autorização para a tradução de duas obras de Monteiro Lobato, ou seja "Viagem ao ceu" e "O Minotauro"? E essa autorização poderia compreender a reprodução dos desenhos de Belmonte ou de André Le Blanc?

Com muitos agradecimentos e esperando de receber uma Sua resposta o mais cedo possível.

Atenciosamente

Franca Maffei Ascarelli

Franca Maffei Ascarelli

via F. Marchetti 19

Roma, 12 de setembro de 1959

Prezada Senhora,

Mesmo não tendo mais a autorização para traduzir as obras infantis de seu marido, continuei a procurar um editor que se mostrasse interessado na edição desses livros.

Presentemente escrevi ao editor Mcmillan, que se mostrou muito interessado no assunto.

V. Sia. Poderia renovar a autorização para a tradução de duas obras de Monteiro Lobato, ou seja "Viagem ao céu" e "O Minotauro"? E essa autorização poderia compreender a reprodução dos desenhos de Belmonte ou de André Le Blanc?

Com muitos agradecimentos e esperando de receber Sua resposta o mais cedo possível.

Atenciosamente,

Franca Maffei Ascarelli

Figura 10: Carta enviada a Purezinha por Franca Maffei Ascarelli

Fonte: CEDAE/ IEL / Unicamp – BL- ms00083

Segundo nos sugere a carta anterior, Franca Maffei Ascarelli teria feito outras traduções da Lobato – para o italiano possivelmente. Localizamos no *Fundo Monteiro Lobato* (CEDAE/ IEL/ Unicamp) outras cartas da família Ascarelli:

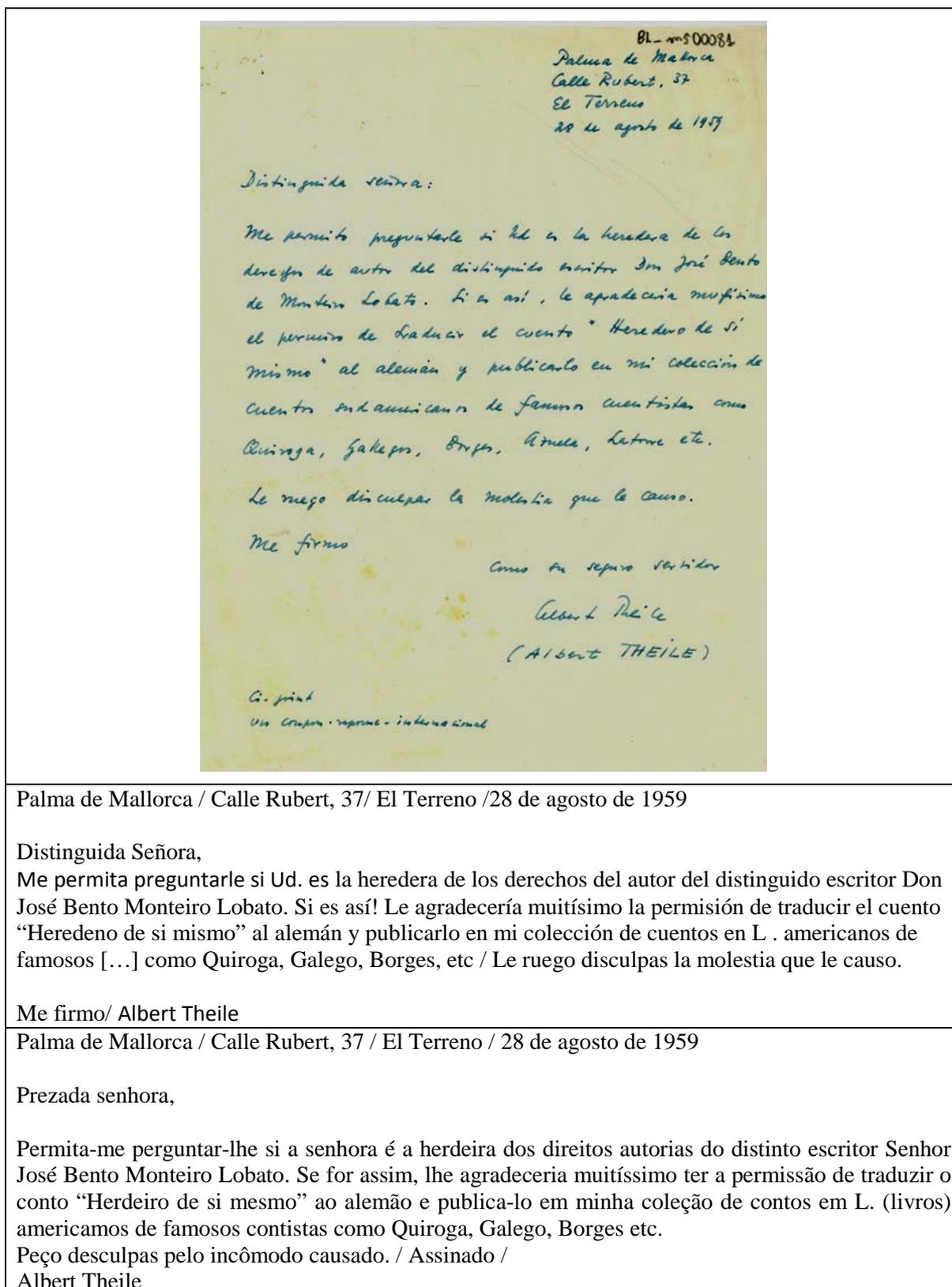
a) Carta de São Paulo, de Maria Pureza Natividade Lobato, com data de 6 de outubro de 1957 para Tullio Ascarelli (BL_ms00074);

b) Carta de São Paulo, remetente desconhecido, com a data de 8 de outubro de 1958 para Tullio Ascarelli (BL_ms00077);

c) Carta de Roma, de Franca Maffei Ascarelli, com data de 27 de outubro de 1958 para Ruth Monteiro Lobato (Bl_ms00078).

Estas cartas podem nos sugerir relações pessoais entre Purezinha e Franca Maffei Ascarelli – ao contrário da carta anterior, onde havia uma relação comercial.

No mesmo ano, Purezinha recebe o pedido de Albert Theile (Palma de Mallorca – Espanha) para traduzir contos de Monteiro Lobato para o alemão e publicá-los em uma coletânea de escritos americanos:



Palma de Mallorca / Calle Rubert, 37/ El Terreno /28 de agosto de 1959

Distinguida Señora,

Me permita preguntarle si Ud. es la heredera de los derechos del autor del distinguido escritor Don José Bento Monteiro Lobato. Si es así! Le agradecería muitísimo la permisión de traducir el cuento "Herdedeno de si mismo" al alemán y publicarlo en mi colección de cuentos en L. americanos de famosos [...] como Quiroga, Galego, Borges, etc / Le ruego disculpas la molestia que le causo.

Me firmo/ Albert Theile

Palma de Mallorca / Calle Rubert, 37 / El Terreno / 28 de agosto de 1959

Prezada senhora,

Permita-me perguntar-lhe si a senhora é a herdeira dos direitos autorias do distinto escritor Senhor José Bento Monteiro Lobato. Se for assim, lhe agradeceria muitíssimo ter a permissão de traduzir o conto "Herdeiro de si mesmo" ao alemão e publica-lo em minha coleção de contos em L. (livros) americanos de famosos contistas como Quiroga, Galego, Borges etc.

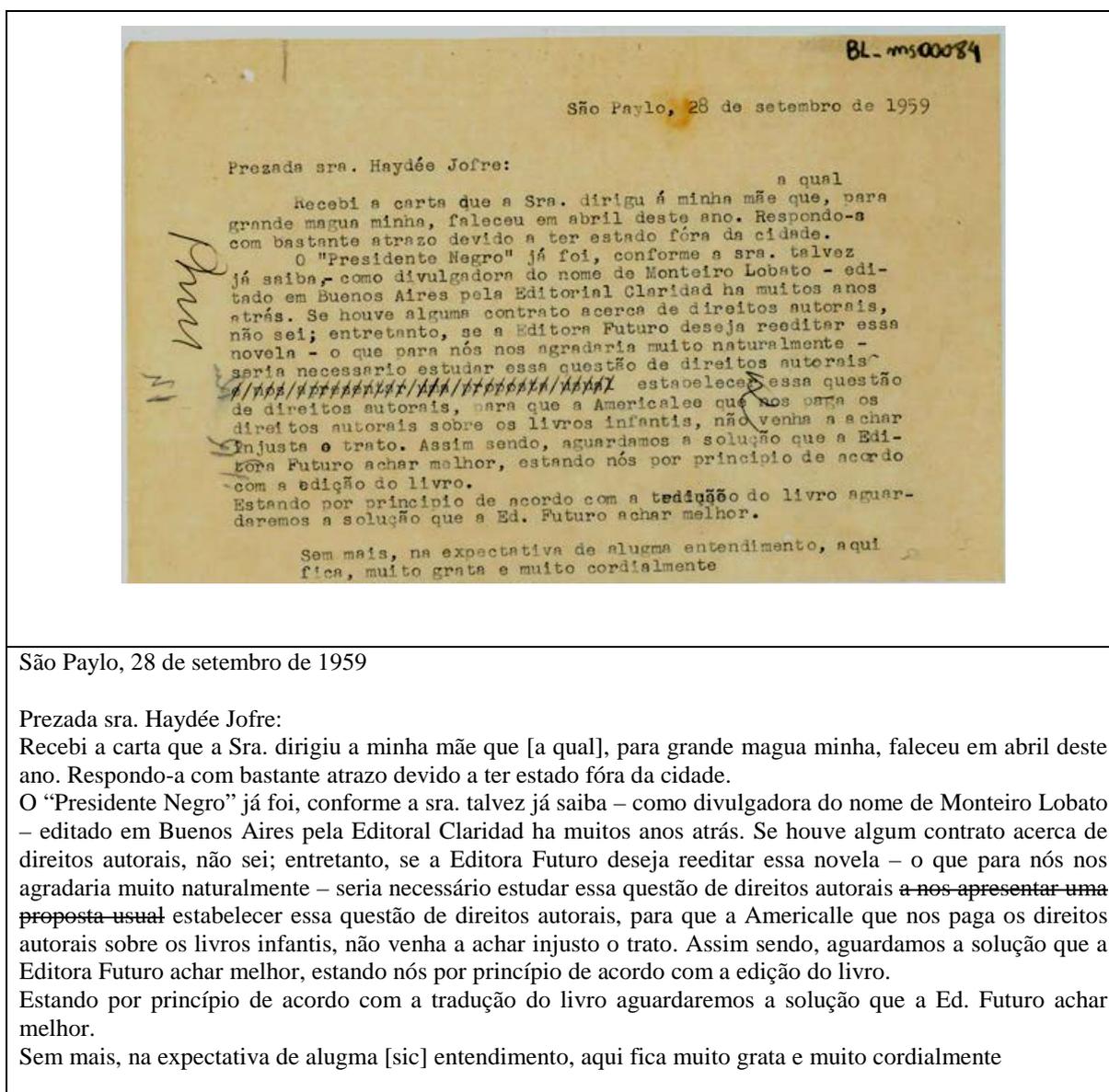
Peço desculpas pelo incômodo causado. / Assinado /

Albert Theile

Figura 11: Carta enviada a Purezinha por Albert Theile

Fonte: CEDAE/ IEL / Unicamp – BL- ms00081

A carta anterior de abril do mesmo ano foi respondida por Ruth – filha caçula de Purezinha e Lobato – que, com o falecimento da mãe – assume o gerenciamento dos direitos autorais da obra de seu pai:



São Paulo, 28 de setembro de 1959

Prezada sra. Haydée Jofre:

Recebi a carta que a Sra. dirigiu a minha mãe que [a qual], para grande magua minha, faleceu em abril deste ano. Respondo-a com bastante atraso devido a ter estado fóra da cidade.

O "Presidente Negro" já foi, conforme a sra. talvez já saiba – como divulgadora do nome de Monteiro Lobato – editado em Buenos Aires pela Editorial Claridad ha muitos anos atrás. Se houve algum contrato acerca de direitos autorais, não sei; entretanto, se a Editora Futuro deseja reeditar essa novela – o que para nós nos agradaria muito naturalmente – seria necessário estudar essa questão de direitos autorais ~~a nos apresentar uma proposta usual~~ estabelecer essa questão de direitos autorais, para que a Americalle que nos paga os direitos autorais sobre os livros infantis, não venha a achar injusto o trato. Assim sendo, aguardamos a solução que a Editora Futuro achar melhor, estando nós por princípio de acordo com a edição do livro.

Estando por princípio de acordo com a tradução do livro aguardaremos a solução que a Ed. Futuro achar melhor.

Sem mais, na expectativa de alguma [sic] entendimento, aqui fica muito grata e muito cordialmente

Figura 12: Carta de Ruth Monteiro Lobato a Haydée Jofre

Fonte: CEDAE/ IEL / Unicamp – BL- ms00084

Paralelamente ao gerenciamento dos direitos autorais de Monteiro Lobato, Purezinha cuidava da preservação da memória do marido, participando de homenagens, interagindo com intelectuais contemporâneos a ela e apresentando-se sempre como maior admiradora do escritor paulista:

Se algum título apresento às considerações dos amigos de Monteiro Lobato é o de sendo companheira sua na jornada da vida durante quarenta anos, tê-lo compreendido, acompanhado com interesse todas

as suas lutas; vibrei com suas realizações e sofri também com as decepções, os desenganos. Fui sua amiga, sua confidente, sua companheira e, porque o conheci, sua maior admiradora. (LOBATO, 2011, p. 175 – Cartas de Amor)

O texto que aparece na versão mais recente de *Cartas de Amor* (2011) é atribuído a Purezinha, e segundo a editora, este escrito está presente em um dos *Álbuns de Recortes*⁴⁶ organizados por ela. Encontramos versão semelhante do texto em carta destinada a Oswaldo B. Guisard⁴⁷ em 11 de abril de 1953:

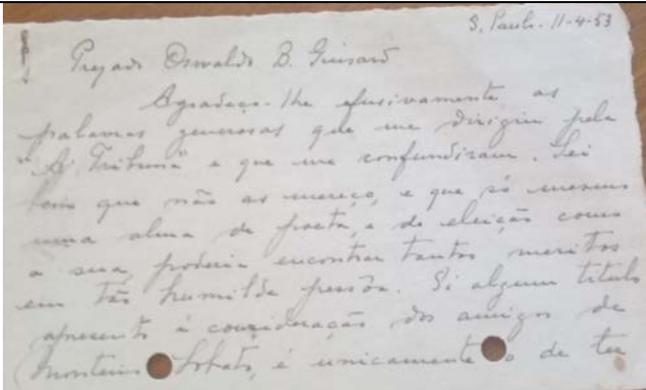
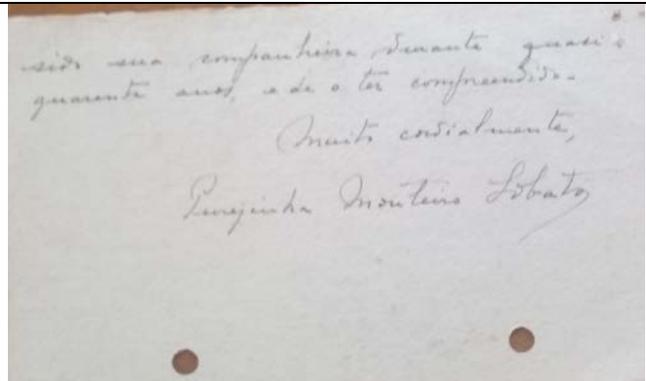
	<p style="text-align: right;">S. Paulo – 11-4 – 1953</p> <p>Prezado Oswaldo B. Guisard</p> <p>Agradeço-lhe efetivamente as palavras generosas que me dirigiu pela “A Tribuna” e que me confundiram. Sei que não as mereço, e que só mesmo uma alma de poeta, e de eleição como a sua, poderia encontrar tantos méritos em tão humilde pessoa. Se algum título apresento às considerações dos amigos de Monteiro Lobato, é unicamente de ter</p>
	<p>sido sua companheira durante quase quarenta anos, e de o ter compreendido.</p> <p style="text-align: right;">Muito cordialmente, Purezinha Monteiro Lobato</p>

Figura 13: Carta de Purezinha para Oswaldo Barbosa Guisard

Fonte: Arquivo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH- Universidade de Taubaté – Unitau. Fundo Monteiro Lobato

⁴⁶ Na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato em São Paulo, estão depositados quatro Álbuns de recortes organizados por Purezinha. Nesses álbuns há artigos de jornal de toda a carreira do escritor, em diversas línguas.

⁴⁷ Oswaldo Barbosa Guisard foi empresário em Taubaté e uns dos fundadores da Semana Monteiro Lobato.

A carta enviada a Guisard se dá por ocasião da organização da “I Semana Monteiro Lobato”, em Taubaté no ano de 1957. Em outra carta a Oswaldo Guisard, Purezinha sugere a participação de Tondella nas comemorações da “Semana”.

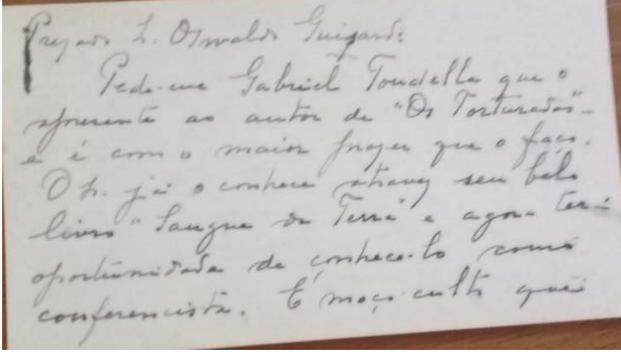
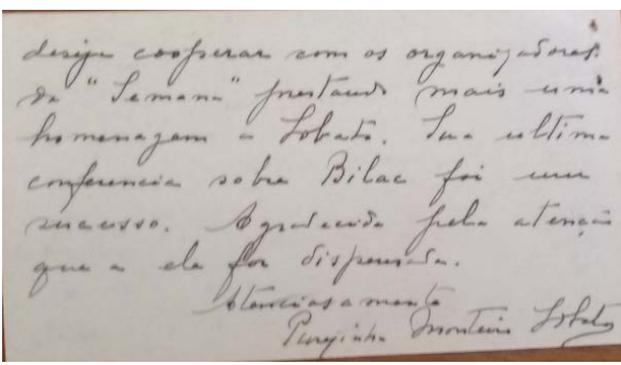
 <p>Pezado S. Oswaldo Guisard: Pede-me Gabriel Tondella que o apresente ao autor de "Os Torturados" - e é com o maior prazer que o faço. O Sr. já o conhece através seu belo livro "Sangue da Terra" e agora terá oportunidade de conhece-lo como conferencista. É moço culto que</p>	<p>Prezado S. Oswaldo Guisard:</p> <p>Pedi-me Gabriel Tondella que o apresente ao autor de “Os Torturados” – e é com o maior prazer que o faço.</p> <p>O S. já o conheceu através seu belo livro “Sangue da Terra” e agora terá oportunidade de conhece-lo como conferencista. É moço culto que</p>
 <p>deseja cooperar com os organizadores da "Semana" juntando mais uma homenagem a Lobato. Sua última conferencia sobre Bilac foi um sucesso. Agradeço pela atenção que a ele for dispensada.</p> <p>Atenciosamente Purezinha Monteiro Lobato</p>	<p>deseja cooperar com os organizadores da “Semana” juntando mais uma homenagem a Lobato. Sua última conferencia sobre Bilac foi um sucesso. Agradeço pela atenção que a ele for dispensada.</p> <p style="text-align: right;">Atenciosamente Purezinha Monteiro Lobato</p>

Figura 14: Carta de Purezinha para Oswaldo Barbosa Guisard

Fonte: Arquivo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH- Universidade de Taubaté – Unitaú. Fundo Monteiro Lobato.

A participação de Gabriel Tondella aconteceu efetivamente: uma palestra na Escola Estadual Monteiro Lobato no dia 18 de abril de 1953. O texto⁴⁸ apresentado foi publicado no ano seguinte com o título “O semeador de Horizontes⁴⁹”. Entre os presentes ao evento estavam: Antonio Mello Jr (1906-1984), historiador e jornalista em

⁴⁸ O texto da palestra foi publicado em 1954 em São Paulo e está disponível no Acervo Monteiro Lobato na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

⁴⁹ Cf. CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. s/ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955; VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados no Estado de São Paulo 1913 – 1923*. s/ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Taubaté, Oswaldo Barbosa Guisard, Purezinha, suas filhas: Martha e Ruth e o genro Jurandir Campos⁵⁰.

Na ocasião, Purezinha também foi homenageada, recebendo um presente dos amigos de Taubaté:

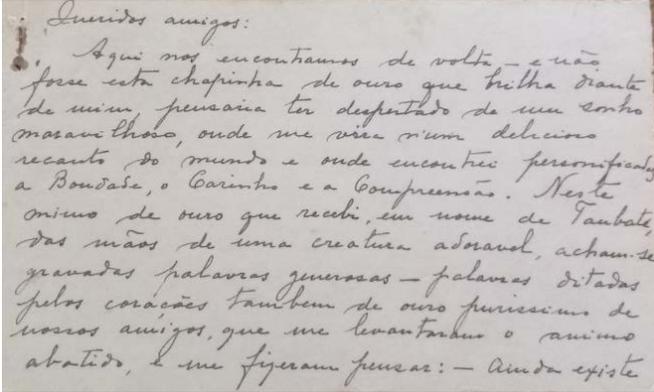
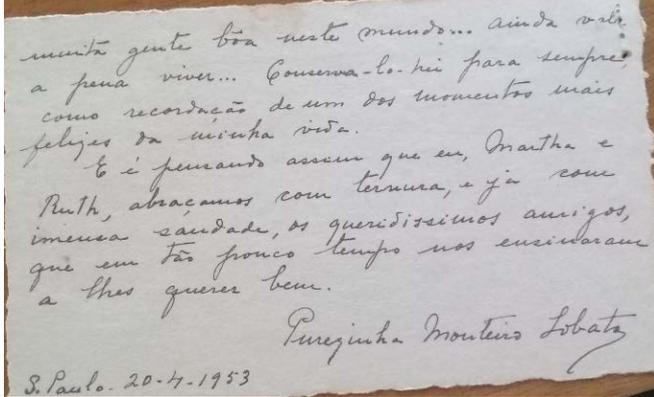
 <p>Queridos amigos: Aqui nos encontramos de volta – e não fosse esta chapinha de ouro que brilha diante de mim, pensaria ter despertado de um sonho maravilhoso, onde me vira n'um delicioso recanto do mundo e onde encontrei personificada a Bondade, o Carinho e a Compreensão. Neste mimo de ouro que recebi, em nome de Taubaté, das mãos de uma criatura adorável, acham-se gravadas palavras generosas – palavras ditadas pelos corações também de ouro puríssimo de nossos amigos, que me levantaram o animo abatido, e me fizeram pensar: Ainda existe</p>	<p>Queridos amigos: Aqui nos encontramos de volta – e não fosse esta chapinha de ouro que brilha diante de mim, parecia ter despertado de um sonho maravilhoso, onde me vira n'um delicioso recanto do mundo e onde encontrei personificada a Bondade, o Carinho e a Compreensão. Neste mimo de ouro que recebi, em nome de Taubaté, das mãos de uma criatura adorável, acham-se gravadas palavras generosas – palavras ditadas pelos corações também de ouro puríssimo de nossos amigos, que me levantaram o animo abatido, e me fizeram pensar: Ainda existe</p>
 <p>muita gente boa neste mundo... ainda vale a pena viver... Conserva-lo-hei para sempre como recordação de um dos momentos mais felizes da minha vida. É pensando assim que eu, Martha e Ruth, abraçamos com ternura, e já com imensa saudade, os queridíssimos amigos, que em tão pouco tempo nos ensinaram a lhes querer bem. Purezinha Monteiro Lobato S. Paulo - 20-4-1953</p>	<p>muita gente boa neste mundo... Ainda vale a pena viver... Conserva-lo-hei para sempre como recordação de um dos momentos mais felizes de minha vida. É pensando assim que eu, Martha e Ruth, abraçamos com ternura, e já com imensa saudade, os queridíssimos amigos, que em tão pouco tempo nos ensinaram a lhes querer bem. Purezinha Monteiro Lobato S. Paulo – 20 – 4 – 1953</p>

Figura 15: Carta de Purezinha sem destinatário identificado

Fonte: Arquivo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH- Universidade de Taubaté – Unitau. Fundo Monteiro Lobato.

As comemorações da “Semana Monteiro Lobato” continuaram anualmente, com seus organizadores e Purezinha à frente do evento – que tinha como ponto alto as homenagens ao escritor no cemitério da Consolação em São Paulo.

No ano de 1957, Purezinha não conseguiu participar do evento por motivo de saúde, então escreve a Antonio de Mello justificando sua ausência:

⁵⁰ Informações disponíveis no documento datiloscrito “A Conferência de Gabriel Tondella”, cedido gentilmente por Osni Lourenço Cruz.

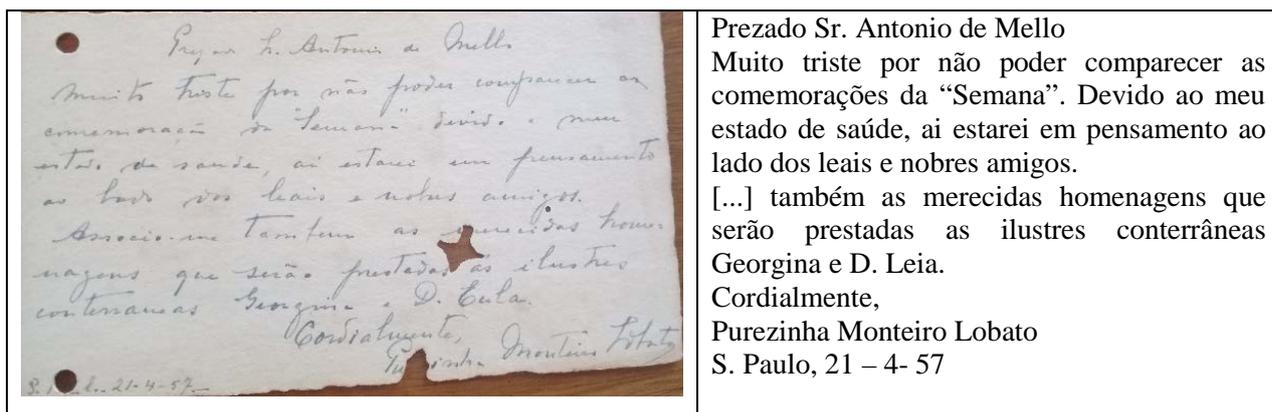


Figura 16: Carta de Purezinha para Antonio de Mello

Fonte: Arquivo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH- Universidade de Taubaté – Unitaú. Fundo Monteiro Lobato.

Aos 73 anos, Purezinha faleceu em 27 de abril de 1959 e foi enterrada ao lado do marido no Cemitério da Consolação em São Paulo, onde um ano antes estivera em homenagem ao marido⁵¹ no décimo aniversário da morte do escritor.

⁵¹ Informação disponível na edição nº 10.488 do jornal *Folha da manhã* de São Paulo na data de 5 de julho de 1958.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos a pesquisa de doutorado com algumas informações da vida de Purezinha e principalmente – muitas questões não respondidas – em mente. Nossos principais objetivos a princípio eram:

- a) Levantar documentos e informações biográficas sobre Dona Pureza Natividade;
- b) Buscar por meio de documentação primária e publicações como Dona Purezinha percebia e se relacionava com o escritor Monteiro Lobato e/ou como ela era percebida por ele.
- c) Pesquisar se Dona Purezinha teve participação ou contribuição direta na carreira do escritor Monteiro Lobato.

No decorrer da pesquisa, algumas informações foram aparecendo, mas não na quantidade e velocidade de que esperávamos

Os meses foram passando e entre leituras teóricas, reuniões do grupo de pesquisa, leitura da correspondência lobatiana e visitas (muitas) aos acervos, a figura de Purezinha foi se delimitando lentamente. Encontramos nas cartas de Lobato vozes que ecoavam, sugerindo imagens dela: uma mulher dona de casa, intelectual e quem cuidou da obra e imagem do marido depois que ele se foi.

Nos últimos meses de pesquisa, nos deparamos com grandes surpresas: cartas de Purezinha a escritores e intelectuais, um caderno de anotações dela e alguns documentos que até então permaneciam desconhecidos. Foi aí que ela se apresentou como “Purezinha Monteiro Lobato”, pois era assim que assinava seus documentos.

O tamanho da alegria foi proporcional a angústia de talvez não ter tempo suficiente para abordar o material. A ansiedade foi perdendo força à medida que entendemos que uma pesquisa nunca acaba e que ela deve ser peça inicial para outras (nossas ou não) e que se for assim o principal objetivo já foi cumprido: produzir conhecimento.

Nesse percurso, olhando para trás, percebemos que alcançamos parte significativa de nossos objetivos iniciais, em paralelo, aprendemos mais uma vez com Cida Golin que os estudos literários não são estáticos, eles se movem abarcando outros

textos, documentos, cenários – e nós seguimos na tentativa de desenhar a cada dia uma nova “história literária”:

Ao iluminar o que está guardado, essa abordagem privada tem como âncora as referências públicas: um autor, uma obra, uma biografia. Ela está atrelada à história literária canônica e não altera em nada o lugar e a importância da obra dos escritores [...] destacados nessa investigação. Contudo, desloca a posição do literato e seus títulos do centro de inúmeras construções historiográficas, perseguindo outros objetos e cenários. (GOLIN, 2002, p.115).

Enfim, uma das minhas maiores descobertas (que ocorreu em tempos de Iniciação Científica) e se sedimentou no doutoramento, e que por mais que a pesquisa pareça ser um trabalho isolado e solitário, existe uma rede de outros pesquisadores, documentos e acervos disponíveis, e quanto mais rápido nos dermos conta disso, melhor avança a investigação.

REFERÊNCIAS

BIGNOTTO, Cilza. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*, sob orientação da profa. Marisa Lajolo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007 (Tese de Doutorado), orientadora: Profa. Dra. Marisa Lajolo

BRAGA, I. M. M. R. D; PILLA, C.B.A.P. *Rosa Maria para a elite, Rosa Maria para o povo: culinária brasileira e culinária portuguesa na primeira metade do século XX*. Rev. hist. (São Paulo), n.177, a03217, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2018.133293>> Acesso em mai. 2018.

CAMARGOS, Marcia; Saccheta, Vladimir. *A mesa com Lobato*. São Paulo: Senac, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. (1750-1880)*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2008.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.

CATANI, D. et al. (org.) *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CRESPO, Regina. *Itinerarios Intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación*. 1ed. México: Centro Coordinador y Difusor de estudios Latinoamericanos, 2004.

DEBUS. Eliane Santana Dias. *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a Formação de Leitores*. Tese (Doutorado em Letras). Orientação: Profa. Dra. Regina Zilberman. PUC- RS, 2001.

DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. “História do cotidiano e da vida privada”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DOSSE, François. *O Desafio Bibliográfico: escrever uma vida*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2015.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOLIN, Cida. Entrevistas com mulheres de escritores brasileiros: histórias silenciosas da criação. p. 108. Publicado na revista “Aletrial” (2002). Disponível em: <www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso: ago. 2016.

_____. _____. *Memórias de vida e criação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

_____. _____. *Mulheres de escritores: subsídios para uma história privada da literatura*. 1ed. São Paulo: Annablume: Caxias do Sul: Edusc, 2002.

_____. _____. “Mulheres de escritores: vozes de uma possível história privada da literatura”. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre. V. 37, n°2, p.103-108, junho, 2001.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora UFGRS, 2007.

HONORATO, Tony. “A escola complementar paulista (1890 – 1911)”. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/A%20ESCOLA%20COMPLEMENTAR%20PAULISTA.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.

JACICSON, H.J. *Marginalia: readers writing in books*. New Haven/ Londres. Yale University Press, 2001.

LAJOLO, Marisa. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro* (obra adulta). São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2014.

_____. _____.; CECCANTINI, João Luis (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro* (obra infantil). São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

_____. _____. *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo: Moderna, 2010.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.

_____. _____. *A Barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária*. 8ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. _____. *A Barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Globo, 2010.

_____. _____. (Org. Marisa Lajolo). *Quando o carteiro chegou... Cartões postais a Purezinha...* São Paulo: Editora Moderna, 2006.

_____. _____. *Cartas de Amor*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. _____. *Cartas de Amor*. São Paulo: Globo, 2011.

_____. _____. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. _____. *Cartas Escolhidas*. 6ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. _____. *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

LOPEZ, Telê Ancona. “A Biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro de criação”. In: ZULAR, Roberto (org). *Criação em Processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, FAPESP/ Iluminuras/ CAPES, 2002.

MONTEIRO, Dilson Lages. *O abolicionista Antonio Bento*. Entretextos: Teresina, 2009. Disponível em: <<http://www.portalentextos.com.br/materia/o-abolicionista-antonio-bento,2806>>. Acesso em: Mar. 2018.

MORAES, Marco Antonio. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.

NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

PINHEIRO, Valter Cesar. Folheando a obra (e a vida) do grão-senhor da Villa Fortunata: um estudo sobre René Tollier. Tese (doutorado apresentada à Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas) (Orientação de Regina Maria Salgado Campos). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS SILVA, M.A.de Sousa *As cartas de alforria e de compra e venda de escravos em morada nova*, disponível em http://www.apec.org.br/extra/artigos_cientificos/AS_CARTAS_DE_ALFORRIA_E_D E_COMPRA_E_VENDA_DE_ESCRAVOS.pdf.

SILVA, Christiane Grace G.da. 2008. *A Laicização do Ensino: um debate na imprensa de Taubaté-SP acerca do novo modelo republicano de educação (1891-1905)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SPAGNOLI, Camila Russo Almeida. *Monteiro Lobato, o leitor*. (Dissertação de Mestrado). Orientação: Telê Ancona Lopez. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”*: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Tese (Doutorado). orientadora: Profa. Dra. Marisa Lajolo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007

_____. _____. *Arqueologia de um discurso amoroso: as cartas de amor de Monteiro Lobato*. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/872/1100>>. Acesso em: Jul. 2014.

_____. _____. *Cartas e Literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>>. Acesso em: Jul. 2014.

TRAVASSOS, Nelson Palmas. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1974.

VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados no Estado de São Paulo 1913 – 1923*. s/ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

YUNES, E. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e pesquisa, 1982.

ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Sites:

Almanaque Urupês. Disponível em:

<<http://www.almanaqueurupes.com.br/portal/?p=325>>. Acesso em: mar. 2016.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (1934). *Artigo 113, inciso (parágrafo) 20* disponível em: <://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: abr. 2018.

_____. *Lei de 7 de novembro de 1831*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html> Acesso em: mai. 2018.

_____. **Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB Nº: 15/2010)**. Disponível em: _____ : <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&Itemid=30192>. Acesso em: mai. 2018.

Cidade de Campos do Jordão. Disponível em:

<http://www.camposdojordaocultura.com.br/homenagem-det2.asp?id_foto=227>.

Acesso em abr. 2016.

Dicionário Larousse. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>>. Acesso em: mai. 2018.

Escola Caetano de Campos Memórias. *Formatura da escola complementar em 1903*. Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com/2013/08/02/iecc-memorias-lxxvi-festa-de-formatura-da-escola-complementar-em-1903/>>. Acesso em: mai. 2018.

Godofredo Rangel. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Godofredo_Rangel>. Acesso em: mai. 2018.

Jornal "A Redenção" ganha título de Patrimônio da Humanidade. Disponível em: <<http://www.saopauloglobal.sp.gov.br/noticias/detalhenoticia.aspx?id=2493>>. Acesso em: mar. 2018.

New York Graphic. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/New_York_Graphic> Acesso em: mai 2018.

Pigault-Lebrun. Disponível em: <<https://fr.wikipedia.org/wiki/Pigault-Lebrun>>. Acesso em: mar. 2018.

São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo n° 82* (9 de abril de 1952). Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/4126703/pg-38-poder-executivo-parte-1-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-09-04-1952/pdfView?>>. Acesso em: mai. 2018.

Taubaté. Instituto Monteiro Lobato. Disponível em: <<http://biblioteca.ieml.org.br/index.php?module=gnuteca3&action=main:search:simpleSearch>>. Acesso em: jun. 2018.

The New York Evening Graphich. Disponível em: <<http://www.bernarrmacfadden.com/graphic/index.html>>. Acesso em: mai. 2018.

UNICAMP. *Monteiro Lobato e outros Modernismos Brasileiros.* Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato>>. Acesso em: mai. 2018.

ANEXO A - Certidão de Casamento de Purezinha e Monteiro Lobato

5130

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 ESTADO DE SÃO PAULO
 DISTRICTO DE PAZ DA CONSOLAÇÃO
 CAPITAL

CERTIDÃO DE CASAMENTO

No. 56. Livro No. 10. Fls. 109.

Dr. Francisco Vaz Porto, Official do
 Registro Civil da Consolação, Comarca da Capital do Estado de S. Paulo, da
 Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Certifico que no dia 28 de Março de mil novecen-
 tos e oito, às 12 horas, neste districto de Paz da Consolação, perante o
 Juiz de Paz e Casamentos, em exercício, Dr. Basilio Cunha,
 em cartorio,

depois de habilitação legal,
 receberam-se em matrimonio, conforme a Lei: D. Augusto José Monteiro
 Lobato filho legitimo
 de José Benjo Marcondes Lobato
 e de D. Olympia Marcondes Lobato
 com 25 annos de idade, solteiro, natural de Taubaté, dist. Estado
 promotor publico, residente e domiciliado em Taubaté, dist. Estado
 e dona Maria da Purpura de Góes Natavidade
 filha legitima do Dr. Francisco Marcondes de Góes Na-
 tavidade e de D. Bezinha de Castro Natavidade
 com 22 annos de
 idade, solteira, natural de Taubaté, dist. Estado
 residente e domiciliada neste districto como tudo se vê do
 Acto lauração e assignado no livro competente em meu cartorio, e ao qual me reporta
 e dou fé. Eu, Francisco Vaz Porto, official do registro, do districto e assigno.

S. PAULO, Consolação, 18 de Outubro de 1923

Luis A. A. ...


Fonte: Documento gentilmente disponibilizado por Osni Lourenço Cruz.

ANEXO B - Fotografias de Purezinha



Foto de Maria da Pureza Natividade Monteiro Lobato com os filhos Edgard, em seu colo e Martha na fazenda São José - (Atribuído). UNICAMP IEL/CEDAE MLb 2 2 00109 - [ca. 1913].Buquira



Fotografia de: Judith Monteiro Lobato e Maria da Pureza Monteiro Lobato, sentadas no chão as crianças Edgar, Martha e Anastácia com Guilherme no colo. Ao fundo na janela, uma mulher negra não identificada. Unicamp/iel/MIb 2200107 P.4



Fotografia de Purezinha em Nova York em janeiro de 1928.
UNICAMP IEL/CEDAE MLb 2 2 00143



Vê-se dentro do automóvel, Edgar e Purezinha e fora do automóvel Jurandir Campos ao lado do frenstista do posto de gasolina. (1928 – EUA)
Unicamp/iel/MLb 2200149 P.6



*Maria da Pureza com suas filhas Martha e Ruth em Jackson Heights. (1928 – Nova York)
Unicamp/iel/MIb 2200156 P.6*



Maria da Pureza Natividade Lobato com seus filhos e J.U. Campos em uma estação ferroviária. Da esquerda para direita: Maria da Pureza, Jurandir C., Martha, e Judith. (1928 – EUA) Unicamp/iel/MIb 2200157 P.6



Fotografia de Purezinha.
UNICAMP IEL/CEDAE MLb 2.2.00102 P4



Fotografia de Purezinha.
UNICAMP IEL/CEDAE MLb 2.2.00104 P4



Fotografia de Purezinha.
UNICAMP IEL/CEDAE MLb 2.2.00105 P4



Purezinha e uma aluna. A fotografia encontra-se em Prefácio a edição de Cartas de Amor (2011)



Fotografia de Purezinha em Campos do Jordão.
UNICAMP IEL/CEDAE